



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA–
SOCIEDADE ESTADO E POLÍTICA NA
AMÉRICA LATINA**

MULHERES EM VIAGENS SOLO, UMA TRILHA DE EXPERIÊNCIAS

**MARIA BEATRIZ MOSCHKOWICH DE
OLIVEIRA**

Foz do Iguaçu
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA– SOCIEDADE
ESTADO E POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA**

MULHERES EM VIAGENS SOLO, UMA TRILHA DE EXPERIÊNCIAS

MARIA BEATRIZ MOSCHKOWICH DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Sociedade Estado e Política na América Latina.

Orientador: Prof. Elen Cristiane Schneider (Doutorado)

Foz do Iguaçu
2022

MARIA BEATRIZ MOSCHKOWICH DE OLIVEIRA

MULHERES EM VIAGENS SOLO, UMA TRILHA DE EXPERIÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Sociedade Estado e Política na América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr^a Elen Cristiane Schneider
UNILA

Prof. Dr^a Jorgelina Ivana Tallei
UNILA

Mestra Miriam Márcia Pacheco de Oliveira
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de dezembro de 2022

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha mãe, Karina, e ao meu pai, Marcos, por me apoiarem e me auxiliarem durante esses longos anos de estudo, sempre proporcionando o melhor para mim, mesmo que não estivessem fisicamente perto me incentivaram a concluir essa jornada.

Agradeço também aos meus avós, meus tios e minha irmã, Alice, que estiveram ao meu lado durante toda minha trajetória me dando o máximo de amor e carinho.

A minha madrinha, Christiani, que, desde sempre, me encorajou e estimulou a guiar meu caminho e concluir essa pesquisa.

A tia Maru (In Memoriam), que esteve presente na minha formatura de alfabetização e a tia Regina sempre incentivando meus passos acadêmicos.

Aos meus amigos e amigas de longas datas que me motivaram a seguir o curso que queria e me identificava. As meninas que conheci no curso (em especial a Elisa, Giovana, Gabrielli) que nos apoiamos e persistimos para nos graduarmos, E aos amigos e amigas de viagens que me ajudaram a pensar nesse trabalho e se aventuraram comigo pela América Latina. E a todos eles que me proporcionaram bons momentos, com leveza, tranquilidade, cultura, conhecimento e diversão.

A toda a equipe do Books Hostel, que me permitiram realizar a pesquisa com as viajantes, fizeram do Rio minha casa e meu lar por meses e se tornaram pessoas que quero levar a vida.

Aos professores de toda minha história, desde os primeiros anos de colégio até a graduação, que, felizmente, tive quase sempre a sorte de topar com as pessoas mais qualificadas e humanas que poderia ter no meu caminho, me proporcionando o melhor educação que poderia ter. Em especial minha professora e orientadora, Elen Schneider, por todo o incentivo, ajuda e disponibilidade nesses meses de aprendizagem.

RESUMO

Este trabalho possui o objetivo de analisar como as mulheres se sentem em suas viagens solo, no tratamento que buscam e recebem nos locais por onde passam, verificando, também, as inseguranças, medos e empecilhos pelas suas trajetórias. Para essas verificações foi utilizada majoritariamente a metodologia qualitativa de análise de conteúdo (Bardin), de maneira descritiva e exploratória de dados retirados de um roteiro de entrevistas semi-estruturada aplicado com sete viageiras. Como forma de embasar teoricamente o trabalho foram usados artigos acadêmicos e o livro *Mulheres Viajantes*, de Sonia Serrano (2019). O panorama histórico das viagens femininas, a ocupação do espaço público pelas mulheres, e o que as entrevistadas e outras pessoas entendem por ser uma mulher desacompanhada é amplamente explorado. A forma como elas se perceberam e foram se descobrindo durante seus trajetos, conhecendo novas pessoas e culturas e explorando ao máximo suas estadias em outros lugares é discutido sempre relacionando o assunto com o olhar de gênero. Foi possível perceber as intercorrências das viagens, as diferenças culturais que as entrevistadas apontaram e como as viagens podem auxiliar na emancipação pessoal das mulheres, influenciando diretamente uma discussão de gênero e turismo e na divisão sexual da mobilidade.

Palavras-chave: Mulheres; Viagens; Independência; Turismo; Gênero.

RESUMEN

Ese trabajo posee el objetivo de analizar cómo las mujeres se sienten en viajando solas, en el tratamiento que buscan y reciben en los locales por donde pasan, verificando, también las inseguridades, miedos y obstáculos por sus trayectorias. Para esas verificaciones fue utilizada mayoritariamente la metodología cualitativa de Análisis de Contenido, de Bardin, de forma descriptiva y exploratoria de datos obtenidos por un guión de entrevistas semi-estructurada aplicado con siete viajeras. Como forma de envasar teóricamente el trabajo fueron usados artículos académicos y el libro *Mulheres Viajantes*, de Sonia Serrano (2019). El panorama histórico de los viajes femeninos, la ocupación del espacio público por las mujeres, y lo que las entrevistadas y otras personas entienden por ser una mujer no acompañada es ampliamente explorado. La forma como ellas si perciben y fueron se descubriendo durante sus trayectos, conociendo nuevas personas y culturas y explorando al máximo sus estadías en otros lugares es discutido siempre relacionando el asunto con la mirada de género. Fue posible percibir las interurrencias de los viajes, las diferencias culturales que las entrevistadas apuntaron y como los viajes pueden ayudar en la emancipación personal de las mujeres, incidiendo directamente en una discusión de género y turismo y en la división sexual de la movilidad.

Palabras clave: Mujeres; Viaje; Independencia; Turismo; Género.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – O que é estar sozinha	32
Imagem 2 – Imagem de Gráfico	42
Imagem 3 – Perfil das viajantes	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas
EMBRATUR	Agência Brasileira de Promoção Internacional ao Turismo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - CERCEAMENTO FEMININO: O PAPEL HISTÓRICO DAS MULHERES	21
1.1 SIGNIFICANDO SONHOS: O QUE É VIAJAR OCUPANDO ESPAÇO FEMININO	21
1.2 “VOCÊ É LOUCA? COMO ASSIM? VOCÊ VAI SOZINHA?”	29
1.3 MULHERES NO ESPAÇO PÚBLICO: INVISIBILIDADE FEMININA E A LUTA PARA PREENCHER LACUNAS	36
CAPÍTULO 2 - ENTRE PARTIDAS E CHEGADAS UM ENCONTRO CHAMADO VIAGEM	43
2.1 VIAJAR É CONSTRUIR UM NOVO ROTEIRO PARA OS SENTIDOS: OBJETIVOS E DESTINOS	43
2.2 - O OLHAR MÍOPE DO BRASIL BRASILEIRO	50
2.3 A VIDA SE REFLETE NA ESTAÇÃO: SEGURANÇA PÚBLICA, LOCOMOÇÃO E TRANSPORTE	57
CAPÍTULO 3 - LIBERDADE ATRAVÉS DE NOVOS ROTEIROS: ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA, EMANCIPAÇÃO PESSOAL E INTERAÇÕES SOCIAIS	64
3.1 CRIANDO MEMÓRIAS E REVISTANDO HISTÓRIAS: EMANCIPAÇÃO PESSOAL ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DE VIAGEM	65
3.2 INSTRUMENTANDO O SONHO DA LIBERDADE E DO CONHECIMENTO: ORGANIZAÇÃO E CONTROLE FINANCEIRO NAS VIAGENS	71
3.3 AS INTERAÇÕES SOCIAIS DURANTE A VIAGEM: CONHECER PESSOAS E PARTILHAR HISTÓRIAS	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	88
ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	88

INTRODUÇÃO

As relações sociais são intrínsecas ao desenvolvimento humano. Viajar é poder ampliar as conexões e relações sociais, repertório cultural e conhecimento nos sentidos mais amplos da palavra. Em uma sociedade patriarcal a mulher ainda tem restrições sobre ocupação de espaços. Quando buscamos administrar atividades de forma autônoma, como viajar sozinha, ainda esbarramos em uma série de empecilhos para trilhar a experiência. A pesquisa busca fazer um levantamento de relatos de mulheres em viagem solo e as aprendizagens relacionadas a essa prática. Ao longo do texto serão discutidos temas como segurança, transporte, interações e o olhar da mulher viajante sobre os imaginários sociais em relação a ela no lugar de viajante.

As viagens por lazer são esperadas e tidas como metas para muitas pessoas. Algumas mulheres preferem realizá-las sozinhas e hoje elas já conseguem visitar diversos destinos de forma independente, levando em conta os avanços sociais que tivemos, fazendo com que cresçam esses tipos de viagem.

Contudo, é preciso analisar como essas mulheres se sentem durante a estadia, se a experiência lhes parece segura, confortável e acolhedora na cidade. Se elas conseguem visitar todos os lugares que planejavam ou, por serem mulheres, veem empecilhos para poder desfrutar plenamente sua viagem. Também é necessário verificar a hospedagem e os meios de locomoção, se esses são facilitadores ou não para que a viagem seja desfrutada ao máximo.

Fora dos seus lares e suas cidades em que já conhecem os espaços onde estão e contam com redes de apoio, algumas viajantes podem enfrentar problemas que não enfrentariam se estivessem acompanhadas.

Toda essa movimentação, o conhecer outras pessoas, novos lugares, culturas e ter experiências diferentes faz com que as viajantes aprendam e se emancipem cada vez mais das amarras da cultura machista.

Neste trabalho o desafio é entender como as mulheres, em viagem solo, se sentem em relação a segurança e acolhida das pessoas com quem precisa se relacionar nas hospedagens e nos roteiros de viagem, localizando os

empecilhos, medos e inseguranças que podem surgir por serem mulheres sozinhas em um roteiro de viagem. Assim, pretendo analisar quais obstáculos são esses, como as viajadoras lidam ou enfrentam problemas, se elas deixam de fazer alguma atividade por precaução e se, caso estivessem acompanhadas lhes pareceria que seria diferente. Após essa captação de informações pretendo buscar também sugestões de ações que podem ser feitas para melhorar ainda mais o turismo independente feminino.

Pesquisar sobre mulheres que viajam sozinhas foi uma escolha primeiramente baseada em experiências pessoais. Em 2019 fiz mobilidade acadêmica pela UNILA em Lima, no Peru. Sai do Brasil sozinha, mas chegando na capital peruana conheci uma grande amiga que pode me acompanhar nas minhas primeiras viagens independentes. A professora e ativista Lola Aranovich (2016) menciona em seu blog que “por algum motivo, estar sem a companhia de um homem é estar sozinha” e a princípio muitas vezes tinha essa sensação. Contudo, depois pude perceber que quando estamos desacompanhadas a dinâmica da viagem muda completamente.

Aproveitei a oportunidade acadêmica para conhecer mais de 15 cidades peruanas, 4 cidades chilenas e 3 equatorianas. Assim, o meu desejo por viajar ficou cada vez maior.

Porém, quando terminei a mobilidade tive que seguir as demais viagens sem nenhuma companhia fixa. Desde então tenho realizado voluntariados em diversas cidades da América Latina. Passei por 18 cidades brasileiras em 10 estados diferentes, outras 5 cidades colombianas, 2 panamenhas e 5 costarriquenses.

Realizo esses voluntariados pela plataforma Worldpackers¹ e até agora, fiz onze voluntariados pela por esse meio, oito deles em hostels, em tarefas como recepção, bar, cozinha, organização das camas e quartos. Os outros três foram em fazendas e campings, cuidando da organização do espaço.

¹ uma comunidade baseada em colaboração e relacionamentos honestos que tornam as viagens mais acessíveis para quem busca uma experiência cultural profunda. Por meio de uma plataforma online, conectamos viajantes - que buscam trocar suas habilidades por acomodação - com anfitriões incríveis de todo o mundo.

Em todas as cidades onde fui, infelizmente, posso relatar situações de machismo que vivi. Mas, quando cheguei na Colômbia tudo foi mais intenso. Percebi que não me sentia à vontade para fazer nada sozinha, sempre pedia que algum homem me acompanhasse, sentia medo de ir desacompanhada na rua, deixei de fazer passeios e conhecer lugares por receio das coisas que iria escutar e das possíveis situações de perigo em que podia entrar. Não me sentia segura nem confortável em nenhum lugar público. Quando contava isso aos próprios colombianos o semblante deles mudava, era perceptível sua decepção com a cultura machista de seu próprio país. Não sei dizer ao certo se era o local ou se foi a minha experiência particular, o meu momento de vida, mas isso me instigou de uma forma que me fez querer estudar mais a fundo o tema e ver se a minha percepção se encaixava a outras viajantes

Nessas viagens conheci várias mulheres que fazem viagens de forma independente também. Pude perceber em várias conversas com pessoas e em lugares diferentes que algumas queixas, delas e minhas, são recorrentes. Ao mesmo tempo, muitas vezes, conversando com viajantes homens, eles não relatam as mesmas dificuldades, ou não se limitam a algumas experiências simplesmente por estarem sozinhos. Por conta disso, me despertou a vontade de estudar mais profundamente e cientificamente o assunto. Foi assim que comecei a me questionar como outras viajantes se sentiam?

Desde minha adolescência o estudo de gênero sempre foi um dos temas que mais me interessou, na graduação pude estudá-lo mais profundamente. Percebi que, dentro desse assunto, a mulher no espaço público é um tema amplamente estudado, mas não tanto na condição de migrante, muito menos em uma migração temporária como a de turista.

Sempre que conversamos sobre viagens vamos contando nossas experiências, lugares que conhecemos, paisagens diferentes que vimos, o que aprendemos com diferentes culturas, comidas novas que provamos e claro, mencionamos os desafios enfrentados no percurso, pois, mesmo que idealizemos todo um roteiro, nem tudo sai como planejado.

Normalmente, quando nós, mulheres, conversamos com pessoas locais, não viajantes, um dos primeiros questionamentos que nos fazem é o de como nosso noivo/namorado/marido nos deixou viajar sozinha e logo após nos perguntam o que nossos pais pensam sobre essas viagens. As problemáticas dessas perguntas são inúmeras. Questionam-nos sem nem ao menos saberem se temos algum companheiro, como são nossas relações familiares e como se algum desses fatores devesse impedir nossa liberdade, ou que deveríamos estar sempre atreladas a uma figura masculina nos acompanhando.

Os medos que surgem quando estamos sozinhas em um lugar “desconhecido” são vários. O primeiro pensamento que surge é o da violência física, nas ruas.

Entretanto, são vários os medos que podemos ter. Denise Tonin, do blog Viajante Solo, cita medos como o de não falar o idioma local e de não passar na imigração, no caso das estrangeiras. Há também o medo do assédio, de se perder, de perder documentos, de ficar sem dinheiro e não ter quem recorrer, sofrer um acidente. E as possibilidades sentimentais apavoram também muitas pessoas. Viajar sozinha e não fazer amizades, de ir a um lugar onde só tem casais, de ficar entediada e o medo que muitas pessoas tem receio em admitir que sentem: o de estar e ter que lidar com sua própria companhia.

Para prosseguir com essa pesquisa farei uma revisão bibliográfica, realizarei entrevistas qualitativas e mencionarei um pouco das minhas experiências de viagem. O objetivo é verificar a percepção das turistas que passam pela cidade do Rio de Janeiro e como elas se sentem/sentiram durante suas estadias. Para tal, analisei diversos artigos científicos, documentos oficiais e entrevistas para cruzar informações e verificar da melhor maneira possível esse cenário.

Com a coleta de dados nas entrevistas pude fazer observações sobre as percepções das viajantes. Ademais, seguindo a técnica de análise de conteúdo, de Bardin (1977), lendo e relendo as respostas das entrevistadas diversas vezes, pude criar categorias de análise que permitiram a melhor estruturação deste trabalho.

A cidade do Rio, minha cidade natal, um local que me identifico bastante e que recebe grande parte dos turistas no Brasil, me pareceu um ambiente ideal para realizar a pesquisa e desenvolver melhor o tema. A escolha para realizar a coleta de dados, foi motivada porque é onde tenho realizado o voluntariado nos últimos meses e destino conhecido mundialmente, sendo, segundo o site Panrotas (2022), a quinta cidade em maior expansão em PIB turístico do mundo e a primeira da América Latina.

As entrevistas foram feitas de maneira anônima com viajantes que estiveram sozinhas na cidade, hospedadas no Books Hostel, localizado entre os bairros de Santa Teresa e Lapa, zona central da cidade.

Já o bairro onde está localizado é considerado um local boêmio da cidade, com rica vida noturna, paisagens históricas, shows e grande diversidade cultural. Os bairros são descritos pelo site que promove o turismo no Rio como:

A região central do Rio reúne samba e cultura em um mesmo local! [...] A Lapa, um dos cartões-postais da cidade, atrai moradores do Rio e turistas nacionais e estrangeiros em busca de cerveja gelada, clima carioca e muita música boa. Já Santa Teresa atrai pelo charme de suas ruas em paralelepípedo, seu famoso bondinho, os bons restaurantes e o visual incrível de parte da cidade pelo olhar de quem está no alto. Mergulhe por essa região e visite parques e salas culturais, museu, feira e boas recordações em forma de fotografia. Uma coisa é certa: além de muita história, você vai conhecer muito local bacana! É mesmo imperdível! (Rio Tour, Roteiro Lapa e Santa Teresa).

No entanto, o bairro histórico é também um local historicamente marginalizado, o que gera certa insegurança, principalmente para quem não conhece bem suas ruas.

As perguntas do Roteiro de Entrevistas (Anexo I) estão divididas em sete blocos, sendo eles sobre as percepções gerais da viajante, como foi/ está sendo durante a viagem, a hospedagem, sua locomoção, a segurança pública, sobre sua própria identidade e um último sobre dados pessoais. Todo o roteiro de entrevista semi-estruturada está descrito no anexo 1 (Roteiro de entrevistas).

A escolha da entrevista semi estruturada foi feita pois esse modelo é mais flexível, o que permite que as entrevistadas tenham mais espaço nas respostas livres e que a entrevistadora possa questionar mais.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152 in <MANZINI, 2004>).

No primeiro bloco do roteiro sobre *percepções gerais* será verificado se essas mulheres já viajaram sozinhas anteriormente, por onde passaram e para onde pretendem ir. Além disso, questionar se viajar sozinha foi uma escolha pessoal ou uma consequência de planejamento, se há e quais são os objetivos em passar esse período viajando sozinha. Além de analisar como é o planejamento da viagem estando sozinha e se haveriam diferenças se estivessem com uma figura masculina e se em algum momento pensou em desistir.

Já no segundo bloco, *Durante a viagem*, será abordado o assunto dos medos que envolvem viajar sozinha. Se em algum momento a própria viajante questionou sua decisão de estar desacompanhada, quais tipos de discurso escuta quando menciona para terceiros sobre sua decisão e se esses a fazem pensar que é algo insensato estar sozinha.

Outro ponto de extrema importância são as *acomodações*, pois será sua hospedagem por alguns dias. Mesmo em hospedagens de quarto compartilhado com opção de habitação apenas feminina é viável estar nesses espaços? Quanta diferença faz estar em um quarto compartilhado sem distinção de gênero ou apenas com mulheres?

Alguns dos principais pontos a serem analisados a partir do roteiro são os deslocamentos, a *locomção*, realizados entre pontos de interesse na cidade. Essas viajantes conseguem se locomover de maneira independente e segura? Como lidam com o fato de serem mulheres sozinhas em uma cidade diferente? Conseguem seguir suas programações de passeios sem que sofram com o machismo nas ruas? Existem intercorrências por parte dos homens?

O quinto bloco diz respeito à *segurança pública*, o quanto é relevante para as mulheres esse ponto na hora do planejamento, quais estratégias usa para se sentir mais segura na sua viagem e questionar se considera que existem riscos diferentes entre o que acontece viajando e na sua cidade.

Já o sexto bloco é sobre *sua própria identidade*, como a mulher se relaciona com ela mesma e como ela se percebe como mulheres. Quais são as maiores vantagens e desvantagens de estar seguindo viagem sozinha, quais mudanças ocorreram quando ela se entendeu como viajante solo, quais obstáculos venceu sobre si mesma.

O último, sobre *dados pessoais*, são perguntas sobre idade, cidade natal, se possui dependentes e como funciona o planejamento financeiro delas.

Por fim, deixei um espaço aberto para se a entrevistada quiser relatar mais algum fato que não foi questionado, mas acredite ser relevante.

Com todas as entrevistas realizadas e baseada na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, pude criar categorias de análise que me permitiram estruturar este trabalho. As categorias foram criadas baseadas nos assuntos mais abordados pelas mulheres entrevistadas, sendo elas: (acho melhor: estar sozinha) estar sozinha; segurança relacionada com a locomoção; emancipação pessoal e liberdade adquiridas; turista e visões miopes organização financeira feminina; e a interação turística

Com esses questionamentos acredito ser possível captar e cruzar informações para chegar a um trabalho que proporcione uma visão ampla de como as viajantes percebem e se sentem durante suas estadias, também podendo buscar maneiras de melhorar as condições de viagens das próximas visitantes.

As entrevistas foram realizadas com o único critério de que teriam que ser mulheres que recentemente viajaram sozinhas de maneira independente. Como resultado dessa busca, consegui conversar com sete entrevistadas, sendo elas quatro brasileiras - uma amazonense, duas fluminenses e uma paulistana, e três européias - uma francesa, uma portuguesa e uma alemã, com idades entre 21 e 35 anos.

Baseado nas repostas das entrevistas e em revisões teóricas o trabalho em si foi estruturado em três capítulos principais:

O primeiro capítulo, *cerceamento feminino: o papel histórico das mulheres*, que aborda a história das viagens e sobretudo das viagens femininas, o estar sozinha e estar no espaço público, vai estar subdividido em mais três subcapítulos.

O subcapítulo, *Significando sonhos: o que é viajar ocupando espaço feminino*, traz um panorama do deslocamento feminino na história. Em seguida, *“Você é louca? Como assim? Você vai sozinha?”* traz uma reflexão do que é estar sozinha, dos sentimentos que isso gera nas viajantes e o que elas pensam sobre isso. Por último, *mulheres no espaço público: invisibilidade feminina e a luta para preencher lacunas*, descreve como as mulheres foram ocupando o espaço público e conquistando o direito de permanecer nele.

O capítulo II, *Entre partidas e chegadas: um encontro chamado viagem*, vai trazer um conteúdo do setor do turismo. As facilidades e dificuldades encontradas pelas viajantes e as percepções que têm sendo turistas no Brasil. Estruturado em três subcapítulos. O primeiro, *viajar é construir um novo roteiro para os sentidos: objetivos e destinos*, mais teórico discorre sobre as teorias do turismo e conceitos da área. O subcapítulo consecutivo *O ser turista e a visão do Brasil* apresentará como as viajantes se sentem no país e quais características os turistas apresentam em especial. E, seguindo com as percepções das viajeiras e conteúdos teóricas, *a vida se reflete na estação: segurança pública, locomoção e transporte*, mostrará como esses três assuntos estão intimamente conectados e podem interferir na qualidade da viagem.

Por fim, *liberdade através de novos roteiros: organização financeira, emancipação pessoal e interações sociais*, tratará dos sentimentos e do crescimento que as mulheres conquistam nas viagens. segmentado em três partes. Criando *memórias e revistando histórias: emancipação pessoal através da experiência de viagem*, trará uma reflexão de como a viagem auxilia as mulheres a crescerem e se emanciparem pessoalmente. Por consequência, essa discussão traz o tema da independência e organização financeira, tratado

no subcapítulo *Instrumentando o sonho da liberdade e do conhecimento: organização e controle financeiro nas viagens*. E, para finalizar, *as interações sociais durante a viagem: conhecer pessoas e partilhar histórias*, mostrará como as viagens ajudam a conhecer novas culturas e experimentar o novo.

CAPÍTULO 1 - CERCEAMENTO FEMININO: O PAPEL HISTÓRICO DAS MULHERES

Ocupar espaços públicos é um desafio até hoje para as mulheres. Historicamente fomos mantidas no particular e privadas de conhecer e desfrutar das mesmas oportunidades dos homens. Com o passar do tempo essas condições vêm mudando e abrindo cada vez mais possibilidades. Assim sendo, muitas mulheres vêm buscando a viagem como uma maneira de explorar e intercambiar conhecimentos e experiências, ocupando espaços de dominação masculina.

Por conta disso, neste primeiro capítulo será apresentado um panorama histórico da condição feminina perante o mundo, demonstrando, ao longo da história, como funciona a estrutura machista e patriarcal e o papel social exercido pelas mulheres, sobretudo na condição de colonizadas.

Na primeira parte do capítulo 1, *significando sonhos: o que é viajar ocupando espaço feminino*, discorro sobre o histórico das viagens, como e porquê as pessoas começaram a se deslocar e o papel social feminino em relação ao deslocamento em viagens, baseado principalmente no livro *Mulheres Viajantes*, de Sonia Serrano (2019). Em seguida serão apresentados apontamentos sobre o viajar sozinha, como as mulheres lidam atualmente com o fato de estarem desacompanhadas nos seus roteiros e como se sentem sobre isso, pautando a discussão em referências teóricas, pessoais e nas entrevistas realizadas com viajantes. E, por último, será discutido o que é ser mulher no espaço público, como fomos instruídas a não ocupar esses lugares e como vamos desmistificando esses ensinamentos e nos apropriando e ganhando voz no que antes era dito apenas como um lugar para homens.

1.1 SIGNIFICANDO SONHOS: O QUE É VIAJAR OCUPANDO ESPAÇO FEMININO

O deslocamento humano sempre existiu em todas as partes do mundo. Porém, foi a partir do século XIX que as viagens passaram a ser algo mais corriqueiro. Serrano (2019) explica que houve diversos facilitadores para que isso ocorresse. Com as inovações tecnológicas, os avanços nos meios de transporte, nos instrumentos financeiros, hospedagens de maior qualidade, novas vias de comunicação entre outros fatores foram sendo mais fácil se locomover pelo mundo. Nesse período pós-napoleônico surge na Inglaterra a primeira agência de viagens do mundo, o que abriu portas para o desenvolvimento desse setor. Há também que notar que nessa época os trabalhadores europeus começaram a conquistar mais direitos. As discussões sobre lazer e dias de descanso ganharam espaço, podendo se pensar em como desfrutar desses dias livres.

Mais de um século se passou desde que as pessoas começaram a viajar por lazer e esse setor vem se tornando cada vez mais democrático. Viajar ainda era visto como algo luxuoso, supérfluo e, para muitos, inalcançável. Hoje já faz parte do planejamento de muitas famílias fazer viagens de férias periódicas.

A ideia de viajar, sair de seu lar, seu conforto, estar longe de seus conhecidos, e ir para um lugar em que muitas vezes pode não ter nada a ver com que se está acostumado é bastante desafiadora. Essa ideia faz parte da etimologia da própria palavra viagem, como afirma Sonia Serrano (2019):

A viagem é um assunto sério. Etimologicamente, em inglês *travel* deriva do francês *travail*, que por sua vez tem origem no termo latino *tripalium*, que designa um 'instrumento de tortura'. De facto, não é fácil viajar: na melhor das hipóteses, e mais uma vez citando The roux, viajar significa «perder a inocência», perder o nosso conforto, as nossas referências, partir muitas vezes rumo ao desconhecido. É «uma fuga ao inalcançável - que nos obriga a assumir o desconforto e a solidão e a interromper arbitrariamente a vida a que estamos habituados num determinado lugar sem poder dar uma explicação racional". (SERRANO, 2019, p. 16).

A mesma autora afirma que quanto mais sabe sobre viagens, menos entende o que faz uma pessoa sair de sua zona de conforto para se desafiar dessa maneira, para conhecer novas terras. Mas também a descoberta do novo, a curiosidade, ir atrás do autoconhecimento nos instiga como seres humanos e é isso que as viagens podem nos ofertar. Segundo Serrano (2019) viajar é

essencialmente descobrir, descobrirmo-nos a nós e o reflexo das nossas vidas nas etapas da viagem, assim como descobrirmos o outro sem o conforto das referências que nos são imediatas. A viagem ajuda a preencher o imaginário de uma forma real, a construir o mundo que antes só existia nas nossas cabeças, mesmo que algumas vezes possamos nos decepcionar.

No entanto, esse cenário de viagens, em geral, era restrito ao público masculino. Serrano (2019) afirma que é de fato possível fazer o panorama histórico das viagens sem mencionar as mulheres e que as que conseguiram empreender a viagem desejada tinham que lutar contra muitas resistências.

Na antiguidade, ultrapassar os limites geográficos era desafiador inclusive para o gênero masculino e diante do papel social feminino as dificuldades se multiplicavam infinitamente, tornando a viagem um ato de extrema ousadia.

As dimensões geográficas eram desconhecidas e as superstições ainda intensas, o que deixava o ato de deslocar-se como uma forma de desafiar o desconhecido. Há notícias de alguns registros das aventuras (Serrano, 2019), e a Bíblia pode ser considerada um deles, com itinerário de devoção. Os romanos apresentaram dois guias: *Intineraria Adnotata* e os *Intineraria Picta*, que buscavam marcar os lugares que eram desbravados. Outro documento importante foram as *mirabilias* que se inicia como *Mirabilia Urbis Romae* (século XII) que registra o que era encontrado pelo trajeto.

O papel feminino no deslocamento começa como uma sombra masculina através da companhia masculina como esposa. Os estudos de Serrano (2019) mostram que os registros sobre corpos femininos viajantes são raros, mas algumas mulheres aparecem em narrativas. Aqui, vamos considerar que tudo começou por Egéria (nome que aparece registrado de diferentes maneiras) no final do século IV. Segundo a autora, ela poderia ser homenageada como a padroeira das viajantes, uma vez que aparentemente ela foi a primeira a seguir viagem peregrinando com intuito litúrgico. Embora uma mulher de posses, era acompanhada por homens que serviam ao Império.

Outra pioneira foi Catalina de Erauso (1585-1682), conhecida como a freira alferes. E posteriormente Francisco de Loyola. Seus relatos, escritos em

primeira pessoa, inferem uma dicotomia entre a devoção e o comportamento arredo e revoltoso, talvez por isso, algumas vezes sua biografia é posta à prova (Serrano, 2019). Após fugir do convento transformou suas roupas e cortou seus cabelos de modo a parecer masculinizada e assim, encontrar a possibilidade de colocar em prática sua liberdade. Descrita por um cronista da seguinte forma:

Alta e de aparência forte e masculina não tem mais peito que uma criança. Disse-me que tinha empregue não sei que remédio para fazê-lo desaparecer. Tenho a impressão de que foi um emplastro fornecido por um italiano, o efeito foi doloroso, mas muito ao seu gosto. Não tem uma cara feia, mas está muito envelhecida pelos anos; carrega a espada tão bravamente como a sua vida, e a cabeça um pouco baixa e enfiada nos ombros que são demasiado altos. Em suma, tem mais o aspecto bizarro de um soldado que o de um galante cortesão. Unicamente a sua mão poderia fazer duvidar do seu sexo, porque é cheia e carnosa, embora robusta e forte, e o gesto, algumas vezes, tem um não sei que de feminino. (SERRANO, 2019. p.115).

Catalina iniciou sua viagem em Vila de San Sebastian, Guipúzcoa, ao norte da Espanha, passa por Panamá, Sevilha, Chile, Roma e Nápoles, entre outros. Batalhou fisicamente, encarou a possibilidade de amor de uma mulher por ela, que mesmo que não houvesse conhecimento sobre sua sexualidade pode ser considerado uma grande contravenção de Catalina para a época.

Em uma sociedade patriarcal e “falocêntrica” a identidade e história de Catalina, que morreu no México em 1650, é apagada, inclusive de pessoas que estudam sobre o tema viajantes femininas. Uma desbravadora não só dos limites geográficos, mas também sobre as limitações sociais em que as mulheres sempre foram impostas.

Outra viajante que merece ser citada é Lady Mary Wortley Montagu (Istambul, 1717). Lady Mary proporciona de modo inédito ao mundo ocidental sobre o universo feminino do Oriente Médio, através de relatos sobre haréns. Mas muito antes disso, Montagu criou uma espécie de rede social através de correspondências, em que registravam suas intimidades. Como esse universo era assunto proibido, criaram códigos para que esses relatos ficassem salvaguardados de estranhos.

Casou-se com Edward W. Montagu, a quem conheceu através de correspondência que mantinha com a irmã dele, Anne Wortley. Ele torna-se

embaixador em Constantinopla e Mary o acompanha (Serrano, 2019) onde conhece a prática turca contra a varíola levando o conhecimento adquirido para Inglaterra.

Mary descreve, através de cartas, suas experiências, intencionalmente com a ideia de perpetuar os aprendizados, incluindo a travessia pelo mar (iniciada em 03.08.1716) rumo a Roterdão (Holanda). A navegação pelo Danúbio rumo a Viena onde tornou-se centro das atenções por ser uma mulher madura que permanece com intuito de conquistar vitórias.

Ao chegar em Sofia (Bulgária - abril de 1717) descreve que encontra meios de entrar em banhos turcos sem que seja reconhecida e espanta-se com o olhar feminino sem pudores para a nudez e com as vestes de túnica e véu que a seu ver igualam mulheres, por se manterem anônimas.

Imagino que teria aperfeiçoado substancialmente a sua arte ver tantas mulheres belas e nuas em diferentes posições, umas conversando, outras trabalhando, outras bebendo café ou sherbet, e muitas deitadas negligestemente nas suas almofadas enquanto as suas escravas (geralmente meninas bonitas de 17 ou 18) se dedicavam a entrançar os seus cabelos da maneira mais bela. (SERRANO, 2019. p.128).

As cartas de Mary sobre as experiências como viajante marcam a história como registros intencionais sobre viagens, escritos pela primeira vez por uma mulher.

Uma das viajantes mais estudadas (Serrano, 2019) é Mary Kingsley (1862-1900), que registrou suas aventuras no continente africano. Nascida na Inglaterra, autodidata de árabe, antropologia e ciências naturais, teve como primeira viagem a ida ao País de Gales e posteriormente, as Ilhas Canárias.

Mas foram as viagens a África Ocidental a partir de agosto de 1893 que surtiu na publicação de dois livros (Travels in West Africa - 1897 e West African Studies - 1899) este último abordando a questão colonial, onde por ser mulher podia abordar de maneira mais contundente, pois não impactavam com tanta autoridade como se fossem escritas por alguém do sexo masculino.

Mas a ausência de formação mínima, para não falar na ciência, não a impediu de escrever Travels in West Africa, que num tom ao mesmo tempo heroico e autodepreciativo descreve as suas viagens africanas. É como se a mesma crônica fosse narrada por duas vozes, o que será

uma constante na sua obra. A dualidade da escrita de Mary e a forma de descrever as suas assombrosas aventuras ora realçando a coragem, ora desprezando-a como se de um feito trivial se tratasse, também se reflecte na forma como vive o binô mio feminino/masculino, com bastante troça face aos estereótipos sobre os sexos. (SERRANO, 2019.p.220).

As viagens seguiam de acordo com o que era possível, uma vez que não havia grandes possibilidades financeiras para tal, assim Mary criou uma metodologia de trocas de produtos com as comunidades onde passava e nessas relações conseguia não só manter seu projeto, como também se aproximava do seu objeto de estudo, o próprio povo, criticando com veemência e propriedade o sistema colonial que não reconhecia a importância dos povos originários e onde os missionários apresentavam conhecimentos inúteis a comunidade.

As pretensões de cientista viajante de Mary eram grandiosas, mas esbarrava na sua própria inconsistência na segurança por ser mulher apresentando um texto, em alguns momentos referindo-se a si mesma como sendo gênero masculino.

Mary é acometida pela febre tifóide e vem a falecer em 03 de junho de 1900 aos 37 anos (Serrano, 2019. p. 226). Seus registros são encorajadores e importantes como marco científico e de promoção para engajamento de mulheres viajantes solo.

(...) A seu pedido morre sem companhia em seu leito de morte. É-lhe prestada homenagem em funeral com honras militares e navais, e cumpre-se a sua última vontade: o caixão é atirado ao mar. Reza a história que o caixão não afundava, continuando teimosamente a flutuar entre as ondas, numa dança cómico-macabra, e que foi necessário atar-lhe um peso para que finalmente submergisse nas profundezas do oceano. (SERRANO, 2019.p. 227).

A viagem é por si só a travessia do processo. O destino não é necessariamente o objetivo, mas uma perspectiva contínua de um próximo propósito e assim foi construída a história de Maria Graham conhecida também por Maria Dundas (nome de solteira, 1784-1842) filha e esposa de oficiais da Marinha atuou nesse último papel de modo não convencional e registrava suas experiências registradas (Serrano, 2019, p.243) no Journal of a Residence in

India - 1813 e Letters on India - 1814. Essa prática não comum às esposas de oficiais.

Em uma viagem com o esposo ao Chile ele é acometido por febre e entra em óbito. Maria decide seguir viagem ao Chile, permanecendo no país por um ano, dando origem a mais um livro. De lá vem para o Brasil e torna-se preceptora da então princesa D. Maria da Glória que, posteriormente, torna-se rainha de Portugal e parceira de Maria em atividades de cunho científico.

Na Inglaterra conhece o pintor Augustus Callcott, com quem se casa e inicia sua viagem pela Europa e Médio Oriente. Em seus relatos Maria descreve o terremoto que viveu no Chile em 1822 e foi reconhecida por Charles Darwin sobre o feito.

Outra notável mulher foi Nellie Bly que percorreu o mundo em 72 dias, como uma viajante profissional tornando real a história de Julio Verne, sendo um trabalho para o Jornal New York World.

Na contemporaneidade vale citar Alexandra Lucas Coelho uma portuguesa que usou a literatura para dimensionar seu olhar pelo mundo vivendo situações de conflitos nacionais como a tentativa de golpe contra Golbatchov, escreveu sobre perspectivas diferentes do conflito em Jerusalém e lança um romance em que o cenário é o encantador Rio de Janeiro.

Seja qual for o tipo de viajante e qual tempo ela se fizer presente, ser mulher sempre implica em condições tênues entre o medo e o desejo de ultrapassar barreiras socialmente impostas. Forjando, segundo Garcia (2018), “uma divisão sexual da mobilidade”:

As mulheres passaram a usufruir da liberdade de locomoção em viagens, notadamente muito mais após adquirir direito de trabalho e de voto. Hoje, na contemporaneidade, é assunto de relevância e presente em diversos debates internacionais, visto que a igualdade de gênero está presente como um dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU,2015). (NASCIMENTO, 2021, p.128).

Um ícone de viajante mulher que não poderia deixar de ser mencionada na pesquisa é Glória Maria Matta da Silva, mulher brasileira, negra que conciliou a vida de repórter com as viagens pelo mundo, captando cenas do cotidiano social por onde passava. Gloria Maria, como é conhecida do público nacional,

desafiou inúmeros preconceitos e convenções sociais para liderar equipes jornalísticas ao redor do mundo, captando com uma visão delicada e comprometida sobre as realidades locais.

Gloria, nascida em 15 de agosto de 1949, no Rio de Janeiro, a filha de um alfaiate e uma dona de casa foi estudante de escola pública. Nos anos 1970 passa a fazer parte de uma das maiores emissoras do mundo, a Rede Globo e iniciou como repórter no desabamento do viaduto Paulo de Frontin.

Relata que, como mulher preta, sentiu as dores do preconceito racial de perto, inclusive pelo ex-presidente da ditadura militar, Figueiredo, quem solicita aos seus assessores e seguranças: “Não deixa aquela neguinha chegar perto de mim”.

Como repórter viajou mais de 100 países em diversas regiões. A jornalista cobriu a guerra das Malvinas (1982), a invasão da embaixada brasileira do Peru por um grupo terrorista (1996), os Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e a Copa do Mundo na França (1998). Em maio de 2006, acompanhou o escritor Paulo Coelho no trajeto da ferrovia transiberiana até Moscou. Embora ele estivesse em um vagão exclusivo, Glória e a equipe foram em vagões como passageiros comuns e Glória relata muitos perrengues ao longo dessa viagem, como ter que tomar banho na pia e carregar os equipamentos pesados (Memória Globo, 2021).

Nas Maldivas foi a primeira mulher jornalista brasileira a cobrir uma guerra. Ela comenta em entrevista ao Canal Livre que se ofereceu para ir à guerra, mesmo com medo, mas achava importante que uma mulher fosse. Construiu uma trajetória de mulher viajante como profissão, revelando ao mundo inúmeros fatos sobre as realidades locais.

Após anos de trabalho intenso, pois sempre foi conhecida como alguém dedicada intensamente à qualidade de seu trabalho, resolveu dedicar-se por dois anos em projetos pessoais, usando os roteiros de viagem entre Nigéria e Índia trabalhando de forma voluntária nessas regiões.

Retorna ao jornalismo através de reportagens para o Globo Repórter, em viagens mundo afora. Muito reservada, sempre se manteve longe dos holofotes

da vida pública e por isso surgiram inúmeros imaginários sobre a vida privada da jornalista. Como repórter mostra-se comprometida e impetuosa, reconhece: “Eu sou uma pessoa movida pela curiosidade e pelo susto. Se eu parar pra pensar racionalmente, não faço nada. Tenho que perder a racionalidade pra ir, deixar a curiosidade e o medo me levarem, que aí eu faço qualquer coisa.”

Glória Maria é singular como mulher, preta, viajante, mãe, profissional e como se refere a sua trajetória: “minha vida é imbiografável”, e não se considera exemplo de nada, disse em uma entrevista no Programa Roda Viva (2022).

Viajar é uma experiência singular repleta de atividades de estímulo cognitivo, afetivo, sensorial e social o que representa aprendizagens, independência e autonomia, motivações suficientes para que o patriarcado crie movimentos que reforcem a ideia de que uma mulher solo seja impedida ou que se sinta desconfortável com o fato de exercer seu direito a buscar, através da viagem, conhecimento e sociabilidade sem que esteja presa às amarras de um comportamento de dependência masculina.

1.2 “VOCÊ É LOUCA? COMO ASSIM? VOCÊ VAI SOZINHA?”

Viajar sozinha é um desafio de diversas formas.

A palavra sozinha, no feminino, não aparece no dicionário Michaelis, mas no masculino, sozinho, significa:

1 Absolutamente só; 2 Isolado de tudo; ermo ; 3 Sem companhia. 4 Acompanhado de uma outra pessoa apenas. 5 Que não conta com auxílio material ou moral de ninguém. ; 6 Não ajudado por ninguém.; 7 Que é único. ; 8 Consigo mesmo. (“Sozinho | Michaelis On-line”). É importante ressaltar que neste trabalho vamos entender o “sozinha” como desacompanhada, de uma mulher que inicia e termina o seu roteiro de maneira independente. O estar sozinha, claro, não é fácil. É preciso ter força e coragem para aventurarem-se em um lugar muitas vezes desconhecido e fora da suas zonas de confortos sem

companhia de confiança.

Estar sozinha é ter que conviver com a invisibilidade do gênero feminino através da cegueira impressa pelo patriarcado. Segundo Delphy, o:

Patriarcado vem das combinação das palavras gregas pater (pai) e arkhe (origem e comando). Essa raiz de duplo sentido se encontra em arcaico e monarquia. Para o grego antigo, a primazia no tempo e autoridade são uma só e a mesma coisa. Portanto, patriarcado é literalmente a autoridade do pai (...) (DELPHY, 2009, p.174).

Esse mesmo patriarcado inviabiliza as conquistas femininas no quesito independência da viajante, a permanência na esfera privada possibilitava que as perspectivas masculinas mantivessem a mulher “sob as rédeas” do controle masculino, assim como toda a construção do Estado, onde a mulher é invisibilizada e os privilégios e garantias hierárquicas permanecem sobre o poder masculino.

Historicamente o patriarcado foi sendo modificado e estruturado de acordo com as necessidades do tempo e espaço, inclusive com significados diferentes em algumas comunidades, onde a conotação de submissão e dominação em relação às mulheres é relativizado. Inicialmente a assimetria sexual em relação à garantia de direitos é direcionada à capacidade de gerar outros seres.

A explicação tradicionalista concentra-se na capacidade reprodutiva feminina e vê a maternidade como a maior meta na vida das mulheres, definindo, assim, como desviantes mulheres que não se tornam mães. Considera-se a função materna uma necessidade da espécie, uma vez que as sociedades não teriam conseguido chegar à modernidade sem que a maioria das mulheres dedicasse quase toda a vida adulta a ter e criar filhos. Assim, vê-se a divisão sexual do trabalho com base nas diferenças biológicas como justa e funcional. (LERNER, 2019. p. 39).

Ao longo da História mundial as justificativas para manutenção do patriarcado foram sendo alteradas, porém presentes. Nos anos 1970, no auge da produção de anticoncepcionais femininos, inicia-se uma corrente em prol da liberdade feminina, colocando em pauta o exercício da cidadania e da igualdade de direitos entre os gêneros.

Patriarcado rapidamente adotado pelo conjunto dos movimentos feministas militantes nos anos 70 como o termo que designa o conjunto do sistema a ser combatido. Em relação a seus quase sinônimos "dominação masculina" e "opressão das mulheres", ele apresenta duas características: por um lado, designa, no espírito daquelas que o

utilizam, um sistema e não relações individuais ou um estado de espírito; por outro lado, em sua argumentação, as feministas opuseram "patriarcado" e "capitalismo" -o primeiro e diferente do segundo, um não se reduz ao outro. Isso se reveste de uma grande importância política num momento de reemergência do feminismo, em que as militantes são confrontadas a homens e mulheres de organizações políticas para quem a subordinação das mulheres não é mais que uma das consequências do capitalismo. (DELPHY, 2009, P.176).

As militâncias em prol do empoderamento feminino perduram-se na atualidade, embora muitos comportamentos permaneçam ainda arraigados de subordinações patriarcais, algumas conquistas vêm sendo, lentamente, consumadas por muitas mulheres, entre elas, as viagens solo.

Embora hoje, muito mais que no passado, haja um grande volume de tentativas de promover a igualdade entre os gêneros, ainda se esbarra na continuidade padronizada do lugar da criança no contexto social. Em um mundo patriarcal, o adultocentrismo ainda se mostra presente e convenientemente, concentrada na mulher a responsabilidade com a infância e os sujeitos desse processo.

No cenário apresentado, há inviabilidade de uma mulher viajar sozinha quando ela tem filhos sob sua responsabilidade. Na América Latina o patriarcado tira a responsabilidade paterna sobre a cria e invoca o compromisso unilateral ao papel feminino. "El género, como simbolización de la diferencia sexual, se construye culturalmente diferenciado en un conjunto de prácticas, ideas y discursos entre los que se encuentran los de la religión" (LAMAS, p. 154, 1999). Junto com essa perspectiva soma-se a ideia da mulher símbolo da criação no sentido físico e comportamental, aquela que tem cerceado o direito de ser mulher pelo simples fato da maternidade precisar anteceder ao seu papel feminino.

Em um combo patriarcal adultocêntrico as crianças ficam sujeitas a ocupar espaços específicos em que a exclusão infantil e feminina passam a fazer parte de um mecanismo cultural que afasta a mulher da possibilidade de ter a liberdade de fazer uma viagem, mesmo que leve consigo a sua cria. Afinal os olhares sobre esse comportamento levam a crer que ela é irresponsável e coloca a criança em situação de vulnerabilidade, uma vez que os espaços nem sempre serão acolhedores o suficiente para que uma mãe solo esteja presente.

Quando se acrescenta quesitos a mulher viajante como a maternidade, ser preta ou indígena, vão se compondo ainda mais cenários de exclusão ao turismo realizado por mulheres.

A pouca representação negra enquanto turista nos principais meios midiáticos causa uma submissão na perspectiva do pensamento racial. O padrão eurocêntrico alimenta o perfil imaginário do que é ser turista, tornando a imagem de pessoas negras como turistas censurada ou até inexistente. E, quando se é mulher negra, esta imagem aparece apenas como produto de consumo sexual a ser explorado (SANTOS, BERTELI & ARANTES, 2016 in <, SÁ E SANTOS, p.258, 2021, A mulher negra viajante.).

A mulher negra, assim como a indígena ainda são desqualificadas intelectualmente e conseqüentemente com rendimentos que impossibilitem usufruir do turismo como forma de lazer, ou seja, ela serve aos bastidores do turismo, como a que serve ao branco como exercendo funções de serviço ou como atrativo sexual turístico.

Nesse sentido, o corpo da mulher negra é comumente reconhecido como atrativo turístico brasileiro e este olhar impacta da mesma forma quando elas estão no papel de turista. É recorrente o discurso de que uma mulher negra viajando para o exterior, à primeira instância, é para se prostituir e, no caso das brasileiras, o fetiche é ainda mais explícito. Há diversos relatos de mulheres viajantes que afirmam ter sofrido algum tipo de assédio, apenas por afirmarem serem brasileiras e, quando se é negra, a relação “samba e prostituição” está intrinsecamente nas percepções daqueles que as recebem nos destinos visitados (PISCITELLI, 2007A, 2007B; GOMES, 2011; GABRIELLI, 2006, 2011; SANTOS, BERTELI & ARANTES, 2016 <in SÁ E SANTOS, p. 259, 2021).

Para poder usufruir de uma viagem é necessário que as mulheres transponham inúmeras barreiras impostas pelo patriarcado e pelo racismo. A situação se agrava quando essas mulheres sozinhas são mães pretas ou indígenas.

Normalmente, associamos o estar sozinho a solidão, definido pelo dicionário Michaelis como: solidão. 1 Estado ou condição de pessoa que se sente ou está só; isolamento.; 2 Qualidade ou característica de local ermo ou solitário.; 3 Local solitário e despovoado; retiro.; 4 Sensação ou condição de pessoa que vive isolada do seu grupo. (“Solidão | Michaelis On-line”)

É claro que durante o percurso, sobretudo em hospedagens compartilhadas, os viajantes encontram-se com outras pessoas com a mesma

proposta de viagem solo, ou que tenham um roteiro similar, ou por coincidência vão fazer o mesmo passeio no mesmo dia, o que pode ampliar conceitualmente o fato de estar só, pois muitas vezes findam por compartilhar de espaços na agenda de visitas pela cidade.

Quando questionada sobre o que a assustava em estar sozinha, se tinha medo da solidão ou algo do tipo, a entrevistada A. disse que: “*Acho que não, porque como eu sempre fico em hostel é o lugar que provavelmente você menos vai ficar sozinha*”².

A solidão, como estado prolongado, então, não está tão presente nas viagens desacompanhadas por estarmos sempre rodeados de pessoas. Contudo, são relações superficiais, são conexões temporárias que não tem intimidade, proximidade e às vezes há falta de confiança.

Nas entrevistas realizadas, algumas entrevistadas relatam sentir falta dessa maior conexão com outras pessoas, com quem já se tem maior intimidade. Quando questionadas sobre o que as assusta em estarem sozinhas, as respostas foram variadas, mas apenas uma entrevistada mencionou a solidão, mas como algo momentâneo. A entrevistada J. disse:

O que eu mais sinto em relação a estar sozinha são esses momentos de solidão, há momentos que eu fico “poxa queria alguém que me conhecesse muito, porque conforme você para você conhece a pessoa por um mês, você faz uma amizade aí. Mas não é a mesma amizade de uma pessoa que está há 6 anos com você, ou do seu irmão que te viu crescer, ou mesmo da sua mãe ou pai. Então às vezes dá essa saudade, essa solidão de uma pessoa que é cúmplice a bastante tempo. Mas é mais nesse sentido de as vezes eu questionar e pensar nossa eu queria que meu amigo estivesse aqui, eu queria que tivesse mais alguém aqui comigo. Que as opções de várias pessoas que surgem em cada lugar que a gente aprende tendem a saciar aquele tipo de interação que precisávamos, é mais nesse sentido de me sentir um pouco solitária. (ENTREVISTADA J.).

Assim como foi dito acima, para J., falta a conexão maior, a proximidade e camaradagem.

E há também a definição de solitude, que aparece como sinônimo de solidão nesse mesmo dicionário. No entanto, comumente entendemos que a solitude é a “condição de quem se isola propositalmente ou está em um momento

² Os nomes das entrevistadas são fictícios, sendo preservados nesta pesquisa.

de reflexão e de interiorização.” (“Solitude - Dicio”). Ou seja, entende-se quase como um oposto da solidão. É uma maneira de encontrar um espaço para si mesmo, para se compreender, se escutar, refletir, se entender, se autoavaliar. Solitude é você escolher se conectar apenas consigo mesmo. E esse estado pode ocorrer mesmo viajando acompanhado. Querer ter momentos apenas seus é normal, sobretudo em viagens longas.

A entrevistada L. menciona os momentos de solitude quando questionada sobre se alguém a fez acreditar que viajar sozinha era algo insensato e quais tipos de discurso escuta quando diz que viaja sozinha.

Porém, como dito na introdução, a autora Lola Aronovich (2016) cita que para muitos a percepção da mulher que viaja sozinha é a de estar desacompanhada de um homem. Outras autoras também percebem essa associação. E, de fato, é bastante perceptível as diferenças quando estamos viajando e quando estamos em companhia masculina ou não.

Imagem 01: O que é estar sozinha



Fonte: Escreva Lola, Escreva (2016).

Na entrevista de C. ela menciona, quando questionada se já havia viajado

sozinha antes que

Sozinha, sozinha, não. Mas eu já tinha viajado com meus amigos da faculdade, mas eu era a mais nova da turma e todos eram mais velhos e endinheirados e eu era nova e lisa, então todo mundo só queria sair para gastar ou sair de uber e andar de uber em São Paulo para mim não dá certo porque você perde muito tempo por causa do trânsito e sai caro, então eu andava sozinha. (ENTREVISTADA C.)

Com isso, podemos notar que para algumas pessoas, viajar sozinha é estar sem a família, sem as pessoas de maior vínculo e confiança. Mesmo estando com amigos pode-se entender que está sozinha. Isso se dá também pela jovialidade das pessoas. Quando menores de idade não é comum que viajemos sem nossos pais ou outros familiares. Então, a primeira viagem sem eles pode ser entendida como desacompanhada devido a condição de serem mulheres.

J. afirma que estar acompanhada altera toda a experiência da viagem. Ela diz:

Ah, eu imagino que com qualquer companhia já fica diferente porque muda bastante a dinâmica, né? Quando você viaja 100% sozinha tem aquele momento que você fica mais solitário e que você vai ter que parar e olhar só para si porque você está realmente sozinha e o fato de ser um homem traz mais segurança para várias coisas. Até às vezes, se você vai num restaurante, o cara nem olha para você, ele pergunta direto para um homem. Então eu imagino que iria mudar bastante a minha dinâmica assim. (ENTREVISTADA J.)

Quando questionada sobre as maiores desvantagens de viajar sozinha, A. cita a vulnerabilidade. Ela menciona que: “*Então, tem momentos que eu só queria ter alguém para estar ali comigo me ajudar em algumas situações. Então acho que essa é a desvantagem, me sentir um pouco vulnerável também.*”. A entrevistada não demonstra medo da solidão, ela até demonstra se sentir preparada para viajar desacompanhada, mas sabe que estar sozinha implica que as pessoas a vejam de outra forma, como ela diz em outra pergunta “*E pareço também, acho que um alvo fácil quando eu tô sozinha*”.

Por conta dessa vulnerabilidade, A. menciona que percebeu em determinados momentos que tinha a sensação de que se estivesse com um homem ou até mesmo com uma amiga, uma companhia qualquer, momentos desagradáveis não aconteceriam com tanta frequência ou intensidade.

Estar sozinha também implica numa maior liberdade - ponto abordado pelas entrevistadas. O poder de escolha, se torna uma vantagem para as viajantes. Ter e poder decidir por si mesma causa uma sensação única.

Levando em consideração o posicionamento das entrevistadas, viajar sozinha tem mais pontos positivos do que negativos, o que muda são as circunstâncias em que são colocadas pelo olhar de um terceiro que, em geral, não faz parte do processo de construção da tomada de decisão da viajante solo. Estar sozinha em uma viagem remete a sentimentos de uma mulher estar sozinha em quaisquer outros espaços, sejam eles controlados ou não. Porque nesse caso é a condição de ser mulher e estar só (saudade, medo, visibilidade,...) o que não interfere, necessariamente, em ser uma viagem.

1.3 MULHERES NO ESPAÇO PÚBLICO: INVISIBILIDADE FEMININA E A LUTA PARA PREENCHER LACUNAS

O espaço público nunca foi acolhedor para mulheres. Isso se dá em grande parte, pois as mulheres ocidentais desde que nascem são ensinadas a permanecerem em seus lares servindo aos seus familiares e se submetendo às vontades masculinas. A mulher deveria performar sua feminilidade dentro da esfera privada todo o tempo.

Ser mulher no espaço público até hoje é uma tarefa desafiadora. Historicamente fomos educadas a sermos reservadas, não nos expormos, ao contrário do que se espera dos homens:

O mundo dos homens é o mundo do exterior, do visível, enquanto das mulheres se espera que assentem e poupem, tomem conta da casa, falem com poucos, guardem tudo dentro delas. O mundo do interior, do invisível, da ausência de descoberta. (SERRANO, 2019, p.27).

Como a viagem mexe com nosso interior, para muitas ela significa transformação. Viajar propicia uma mudança de pensamentos, de ideais, de estilo de vida. A mentalidade do viajante muda conhecendo externamente de seu convencional.

No século XX, com os movimentos feministas e de luta de classes ficando cada vez menos complicado o acesso das mulheres ocidentais às viagens. Ainda assim:

Até bem adiantado o século xx, uma mulher que viajasse só era objeto de espanto, curiosidade ou escândalo, quando não o conjunto dos três sentimentos, traduzindo a estupefação perante uma representante do sexo «fraco» a aventurar-se no domínio dos homens. (SERRANO, 2019, p.27).

Ou seja, abriram-se as portas para conhecer outros lugares, mas as que o faziam eram mal vistas. Ademais, viajar só muitas vezes significa estar sem a companhia masculina, não que a mulher esteja desacompanhada.

Melo e Soeiro (2020) explicam sobre esse fato em seu artigo usando a mulher brasileira como exemplo, mas a máxima é válida para toda América Latina, uma vez que nossa colonização tem bastante similaridade com os demais países:

Considerando que o Brasil foi colonizado por ocidentais, pode-se inferir que os homens brasileiros carregavam conceitos e valores, em relação à mulher, bem similares aos dos colonizadores. Portanto, a mulher no Brasil, historicamente, é vista sob o prisma da ideologia patriarcal. Ou seja, há, historicamente, em relação à mulher, uma exigência e imposição de docilidade, recato e submissão. Segundo Follador (2009), essas exigências e imposições ideológicas elaboraram um estereótipo patriarcal que relegava à mulher o espaço da casa e negava o deslocamento livre. (MELO E SOEIRO, 2020, p.2).

Quando elas conseguiam viajar, normalmente, estavam acompanhadas de outras pessoas. Além disso, tudo o que foi mencionado anteriormente sobre direitos dos trabalhadores muitas das vezes se dirigiam apenas aos homens, a mulher não tinha - e até hoje não tem - a mesma liberdade financeira.

É inquestionável que viajar gera despesas. Por isso, os relatos de mulheres viajantes dos séculos XX são feitos em sua maioria por mulheres já acima dos 40 anos, quando já conseguem conquistar uma estabilidade financeira e podem assim abrir possibilidades fora de suas geografias natais, onde também era menos condenável infringir regras e iniciar uma nova vida.

No capítulo *A mulher e a viagem*, Serrano (2019) cita algumas das primeiras e principais viajantes e mostra como cada uma tinha uma origem, uma história e conseqüentemente um estilo de vida e pensamentos distintos. Assim, não é correto colocar as mulheres viajantes como só um grupo, de maneira

generalizada. Segundo a autora a mulher viajante transpassa por várias categorias sociais, econômicas e de pensamento. Com a história resumida de Gertrude Bell e Penélope, que são personagens extremamente distintas, demonstra “[...] que não existe uma categoria única de mulheres viajantes. O ímpeto de partir, a viagem realizada, as, a reflexão que sobre ela fazem e o testemunho que deixam também, mas a partir daí cada uma constrói a sua própria identidade.” (SERRANO, p.26, 2019).

Há também que recordar que o acesso à educação não era amplo como hoje, muitas mulheres saíam de seus lares, mas não faziam o registro por não serem alfabetizadas. Outras até registravam, mas guardavam suas anotações por medo de serem mal vistas. Era e ainda é um ato ousado viajar.

O mundo avançou em diversos aspectos ao longo dos últimos anos. A tecnologia colabora com o processo de democratização das possibilidades, inserindo socialmente conhecimentos e avanços para uma parcela da população. No setor turístico, não foi diferente. O que antes precisava de mediação de profissionais como fazer uma reserva de passagem ou hotel, hoje se faz com um clique, o que proporciona acessibilidade de algumas camadas sociais por diminuir também os custos de um programa de viagem.

O panorama feminino também foi ganhando destaque e saindo da co-dependência de estar ao lado de alguém, preferencialmente homem, para poder usufruir de uma viagem. As conquistas não foram em forma de clique, estão acontecendo através de movimentos sociais que buscam a garantia de direitos através da visibilidade feminina em diferentes categorias, assim a mulher vem conquistando sua emancipação, caminhando rumo a liberdade para seguir sendo mulher das formas que lhe forem sensatas e ideais de acordo com tempo e espaço que ocupam.

Com a chegada da internet e das redes sociais o registro e divulgação das viagens foi se tornando de mais fácil acesso. Diversos blogs de viagens surgiram falando sobre a rotina do viajante, os locais de fácil acesso, o mais adequado para cada gosto, os custos entre vários outros temas. Com uma

simples busca no google é possível descobrir todas as informações necessárias para realizar uma viagem.

Entre esses blogs há os de mulheres que viajam sozinhas. São várias mulheres que resolveram expor suas aventuras para outras pessoas e acabam servindo de inspiração. Os temas abordados, os tipos de viagens e os destinos são diversos. Mas há um tema em comum abordado usualmente: o da insegurança em ser uma mulher que viaja desacompanhada. Há inúmeras dicas, conselhos e histórias de situações já vividas.

A internet, em principal as redes sociais, hoje, é espaço necessário para aumentar o alcance das pautas feministas, ampliando a agenda de debate para além de centros acadêmicos e outros espaços restritos de debate, chegando às mãos de diversas internautas. Assim, ideias feministas já conseguem alcançar milhares de usuários da internet, através de perfis de redes sociais, de influenciadoras digitais e outros produtores de conteúdo. Temas como o empoderamento feminino e a questão da sororidade, por exemplo, são dois pontos chave que se destacaram nessa nova fase do feminismo e por isso revelam-se com significativa importância para a nossa discussão. (NASCIMENTO, 2021, P.138).

Bidarte e Pereira (2020) realizaram uma pesquisa com quatro mulheres que já realizaram ao menos uma viagem sozinha e concluíram que:

Os resultados indicaram ainda questões relacionadas à insegurança, pelo fato de tratar-se do sexo feminino, abordando medidas preventivas, como informar sobre a realização da viagem, recomendações foram sugeridas, como estar com meio de comunicação, utilizar meios de transportes que passem mais segurança, assim como priorizar o dia para passeios, quanto aos passeios noturnos indicação de maiores precauções. (BIDARTE; PEREIRA, 2020, p. 12).

Percebemos assim que as mulheres que viajam notam que sempre tem que redobrar os cuidados quando estão desacompanhadas.

Entre os objetivos a serem cumpridos neste trabalho está o de verificar as estruturas históricas de dominação masculina que impedem as mulheres de circularem no espaço em que desejem, com tranquilidade e segurança. Há um conjunto de ações históricas que dificultam a locomoção feminina.

Ao abordar as categorias mulher e deslocamento, de pronto surgem os conflitos derivados dessa relação; conflitos esses que derivam da incompatibilidade da representação da mulher com o deslocamento livre e despreocupado – inibindo o caráter democrático do deslocamento. Assim, se o

espaço é social, ele contém, antes de tudo, as representações das relações de poder, econômicas e de gênero que enquadram, também, as relações de deslocamento. Deste modo, pode-se dizer que historicamente o deslocamento é hierarquizado não apenas economicamente, mas seguindo outros parâmetros sociais, entre eles, o de gênero. (MELO E SOEIRO, 2020, p;4)

O sistema social do patriarcado consolidou, através das suas tramas de valores, instituições e representações, um estado de medo para as mulheres. Esse estado de medo talvez explique o porquê da corporificação da mulher ser constituída de mecanismos que restringem seu contato com o Outro; o porquê do espaço, para a mulher, ter se tornado historicamente um território de medo e insegurança. Deve-se aclarar, porém, que embora o medo seja uma das emoções consideradas naturais ao humano, é tomado nessa reflexão como uma emoção que é, como propõe Solomon (1995), constituída socialmente. Nesse sentido, cabe destacar que esses mecanismos de defesa não derivam somente pelo exercício e pela condição de violência cotidiana, mas por um estado de violência – evidente ou dissimulado – incorporado à cultura através das representações (MELO E SOEIRO, 2020, p.6).

Serrano (2019) cita um dos primeiros livros escritos para viajantes, em 1889, de Lilian Campbell Davidson, *Dicas para mulheres viajantes*. Quando nos chega a informação de um texto assim o primeiro pensamento que surge hoje é de que o livro seria um ato revolucionário feminino, encorajando as mulheres a enfrentar tudo e todos. Mas o machismo da época, e, talvez, um pouco de prudência pela própria segurança feminina, fazem com que a autora siga o tradicional e respeite as regras de decoro, submissão e passividade para evitar situações de perigo, instruindo as mulheres a permanecerem em silêncio e esperar que o “tal o instinto do sexo forte de proteger e cuidar os mais fracos” entre em ação.

Viajar é um ato de coragem, é sair do seu conforto e ir para o desconhecido e fazer isso sendo mulher é ainda mais intenso

Assim sendo, mulher é um ser-potência que se dá como latência, como um conjunto de possibilidades realizadas e não realizadas; como o real e o possível, o visível e o invisível, o imediato e o mediato, a presença e a ausência. Se a mulher teria

uma essência, essa seria, para nós, o “Real Possível”, as possibilidades reais, o ser-potência. (MELO E SOEIRO, 2020, p.3).

Por conta dessa insegurança que sentem, as mulheres viajantes acabam criando estratégias para sentirem mais confiança para sair desacompanhadas. Melo e Soeiro (2020) fazem um aparato entre diversos blogs de viagens e destacam que algumas das dicas mais citadas são a de se colocar aliança no dedo para que os outros pensem que é uma mulher comprometida, pois assim pode-se deduzir que essa pessoa vai estar por perto ou chegar a qualquer momento. Outra tática é a de, quando estiver conversando com algum desconhecido, mencionar esse suposto companheiro. E a possível presença de um homem faz com que deixemos de ser um alvo tão frágil e indefeso. Os próprios autores, em seguida, se questionam o porquê a figura feminina não impõe sem a companhia do homem o respeito necessário para o livre deslocamento. As mulheres criam uma personagem, fatos ficcionais para se sentirem mais seguras. Não podem ser elas mesmas, mostrar suas próprias vidas e demonstrarem sua independência plenamente.

O medo de viajar desacompanhada não é apenas da insegurança, mas o de se sentir sozinha. Para isso, entre as dicas mais encontradas nos blogs de viagem para mulheres que viajam sozinhas é a de se hospedar em um hostel.

Hostels são ambientes mais famosos em outras partes, se comparado a América Latina, mas que vem crescendo e ganhando notoriedade aqui no Brasil também. Se comparado aos hotéis e pousadas são mais econômicos, mas na maioria das vezes não é esse o fator que influencia na escolha da hospedagem, mas sim a sociabilidade que eles propiciam. Diferentemente das hospedagens convencionais em que se aluga um espaço próprio para si nos hostels, os quartos são compartilhados, são diversas camas em um quarto, os banheiros são para todos e normalmente há ambientes de uso comum para que se tenha uma maior interação entre os hóspedes. Dessa maneira, é possível que se encontre pessoas das mais diversas culturas e locais do mundo que podem também estar viajando sozinhas e se torna uma oportunidade para encontrar companheiros e amigos de viagem.

Logo, a mulher não tem sua integridade física preservada em nome do respeito da qual é merecedora, mas da relação ética entre homens. (MELO E SOEIRO, p.7, 2020.)

As lacunas sobre a presença das mulheres, a invisibilidade das mulheres em diversos setores, em especial na América Latina, ainda é um ponto de debate e de inconformismos, mas que ao mesmo tempo impulsiona a luta por criar espaços que sejam respeitados e respeitosos em relação ao gênero. Assim como a jornalista Glória Maria menciona em suas entrevistas, o medo não pode ser o sentimento de paralisação, ele precisa ser o que impulsiona sujeitos femininos a criarem situações de liberdade e de realização de sonhos, no caso da pesquisa, o que se relaciona a ser turista solo.

CAPÍTULO 2 - ENTRE PARTIDAS E CHEGADAS UM ENCONTRO CHAMADO VIAGEM

O turismo é um setor bastante segmentado e de importância mundial. Com sua grande relevância é sempre necessário estar aprimorando e aperfeiçoando a viabilidade para que o turista realize sua viagem de maneira mais eficiente e segura. Sobretudo quando se trata de mulheres viajantes, algumas queixas e sugestões surgem em particular.

Há no turismo diversos tipos de viagens. Primeiramente, apresentarei brevemente alguns deles e me aprofundar em *woman solo travel*, com o auxílio de fontes literárias, podcasts e blogs de viagens. Outro tema abordado neste capítulo é a relação do turista com o espaço geográfico brasileiro, abordando como o imaginário social prevê situações de desconforto e de intempéries diante de uma viajante solo.

Por último, em *a vida se reflete na estação: segurança pública, locomoção e transporte*, a segurança, que é sem dúvidas um dos fatores que mais influenciam na tomada de decisões na hora de viajar. A segurança, a locomoção e o transporte são assuntos de extrema importância que estão intimamente ligados. Com os depoimentos de viajantes e o auxílio de outras fontes escritas poderemos ter uma visão mais profunda sobre esse assunto.

A pessoa turista, por mais que pesquise com afinco sobre costumes regionais do destino de viagem, será nas relações e na comunicabilidade como meio que irá entender os processos de construção social e de hábitos e costumes do lugar que visita. Essa relação precisa estar aberta e atenta para que as intercorrências sejam minimamente afetadas.

2.1 VIAJAR É CONSTRUIR UM NOVO ROTEIRO PARA OS SENTIDOS: OBJETIVOS E DESTINOS

As viagens são realizadas com certa frequência desde o século XVI com as grandes navegações:

Já presente, nas mais variadas formas, na Antiguidade e na Idade Média, a viagem, a partir do século XVI, torna-se uma prática cotidiana. Dos pequenos deslocamentos internos na Europa às grandes viagens de exploração, ela produz um fascínio único. O Novo Mundo e as terras do Oriente oferecem experiências inéditas. (RUSCHMAN E FIGUEIREDO, 2004, p. 158).

Porém, o turismo é um evento distinto que surge apenas quando as viagens passam a ser um motivo de lazer. Monlevade (2010) explica brevemente como houve essa transformação na condição social e na mentalidade das pessoas.

Pode-se considerar a Revolução Industrial do século XVIII, na Inglaterra, como o acontecimento mais importante na transformação geral do conceito de viagens. Com ela vieram a urbanização e as horas de trabalho limitadas. Também o ócio passou a ter valor mais importante que antes, quando a maioria das pessoas vivia no campo e trabalhava na agricultura; antigamente, o conceito de “tempo livre”, como o conhecemos hoje, não existia, porque o conceito de trabalho era diferente do que veio estabelecer-se com a consolidação da indústria; não havia divisão muito clara entre o “tempo de trabalho” e o “tempo de não trabalho”, este dedicado ao lazer e ao descanso. (MONLEVADE, 2010, P.10).

Há no setor de turismo de lazer diversos tipos de viagens, que podem ter objetivos, lugares, quantidade de pessoas juntas, tempo entre outras variáveis. As abordadas neste trabalho serão as *solo travel*, viagens de mulheres sozinhas. A maioria foi realizada também de maneira independente, ou seja, com roteiro, reservas, pesquisas sem auxílio de um profissional do turismo ou uma agência de viagens.

Há inúmeros pontos positivos nesse estilo de viagem. Ela nos proporciona uma liberdade única se comparado aos outros. Porém, há de recordar que estar sozinho significa estar mais exposto e propenso, sobretudo para as mulheres, ao: perigo, medo, angústia, assédio, violência, abuso. (BIDARTE E PEREIRA, 2020).

Fazendo um paralelo com o texto de Franco (2017), onde ela faz um aparato de alguns relatos de viagens de mulheres do século XIX, podemos perceber o quanto o turismo feminino avançou nos últimos tempos. Os relatos dessas mulheres mostram como eram reprimidas e vistas como erradas ao

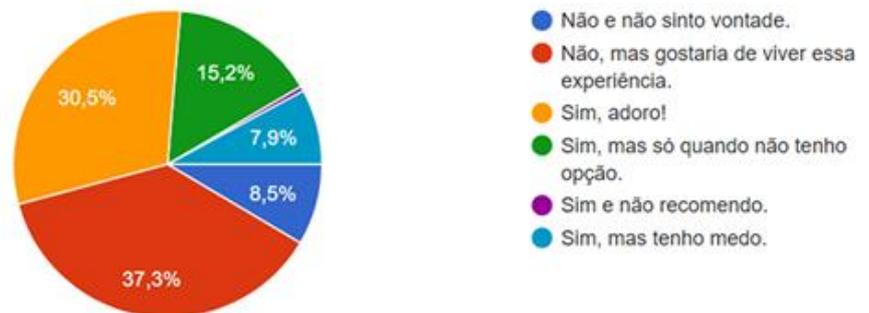
estarem fora de seus lares e desacompanhadas. Ela conta que as mulheres muitas vezes tinham que adotar uma postura masculinizada para poderem ser levadas a sério nessas viagens, sendo que muitas delas nem por lazer eram, mas sim por pura necessidade. Não que essa visão tenha mudado completamente, mas já podemos fazer isso sem tanta dificuldade quanto relatada pela autora.

Por conta dessa flexibilização que vem ocorrendo cada vez mais mulheres buscam explorar novas fronteiras.

Em pesquisa realizada pelo site de viagens Voopter com mais de 5 mil mulheres, 41,7% delas responderam que o tipo de viagem que mais gostam de fazer é estando sozinha. Além disso, 45% afirmaram que já sentiram medo ou receio por viajar, principalmente por serem mulheres e 53,6% já realizaram viagens sola, como mostra o gráfico.

Imagem 02: Imagem de Gráfico

Você já viajou sozinha?



Fonte: Voopter

Machado (2012) explica que o turismo é um fenômeno socioespacial, que propicia experiências almeçadas ou não pelo turista. Essa decisão de se distanciar temporariamente de seu lar cabe apenas ao viajante, que deve, para ser considerado turista, voltar à sua base.

Mas, levando em consideração os aspectos sociais e políticos pode-se definir turismo como:

Dá-se o nome de turismo à atividade humana que é capaz de produzir resultados de caráter econômico financeiro, político, social e cultural produzidos numa localidade, decorrentes do relacionamento entre os visitantes com os locais visitados durante a presença temporária de pessoas que se deslocam de seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea e sem fins lucrativos (MONLEVADE, 2010 in <OLIVEIRA, 2005, p. 36>).

Dessa forma, a pessoa viajante e a pessoa turista também são personagens diferentes. Romano (2013), em seu texto sobre a literatura de viagens, explica que a intenção em que a viagem é realizada gera essa distinção. A viagem tradicional, segundo ele, é realizada por necessidade ou obrigação. Já a viagem turística leva em consideração as motivações e desejos pessoais, como uma forma de fugir do cotidiano.

Monlevade (2010), faz uma análise parecida desse fenômeno. Ela relata que a insatisfação com o lugar ou a situação em que se encontram faz com que as pessoas busquem explorar novos espaços, que “Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente da rotina massificante do dia-a-dia do trabalho, da moradia e do lazer, a fim de estar em condições de retomá-la ao regressarem” (p.2). Para a autora, assim se forma cultura do turismo, como também um reflexo da globalização, onde podemos “encurtar” as distâncias terrestres.

Em consequência desse crescimento da atividade turística em todo o mundo esse assunto passa a fazer parte do estudo da sociologia.

Como um dos ramos da Sociologia Geral, a Sociologia do Turismo busca analisar o comportamento do ser humano durante as viagens, as relações com as comunidades receptoras e os impactos sociais provocados por essa atividade. Desta forma, pretende-se estudar o turismo em seus aspectos sociais e sua relação com a sociedade mais geral. (MONLEVADE, 2010, p.3).

Toda essa conceitualização do turismo e viagens serve para um mundo globalizado, onde as pessoas se deslocam com mais facilidade. Porém, sabemos das dificuldades e empecilhos que as mulheres ainda sofrem. Cabe aclarar que, para as mulheres, essa potência/possibilidade não alcança o existir

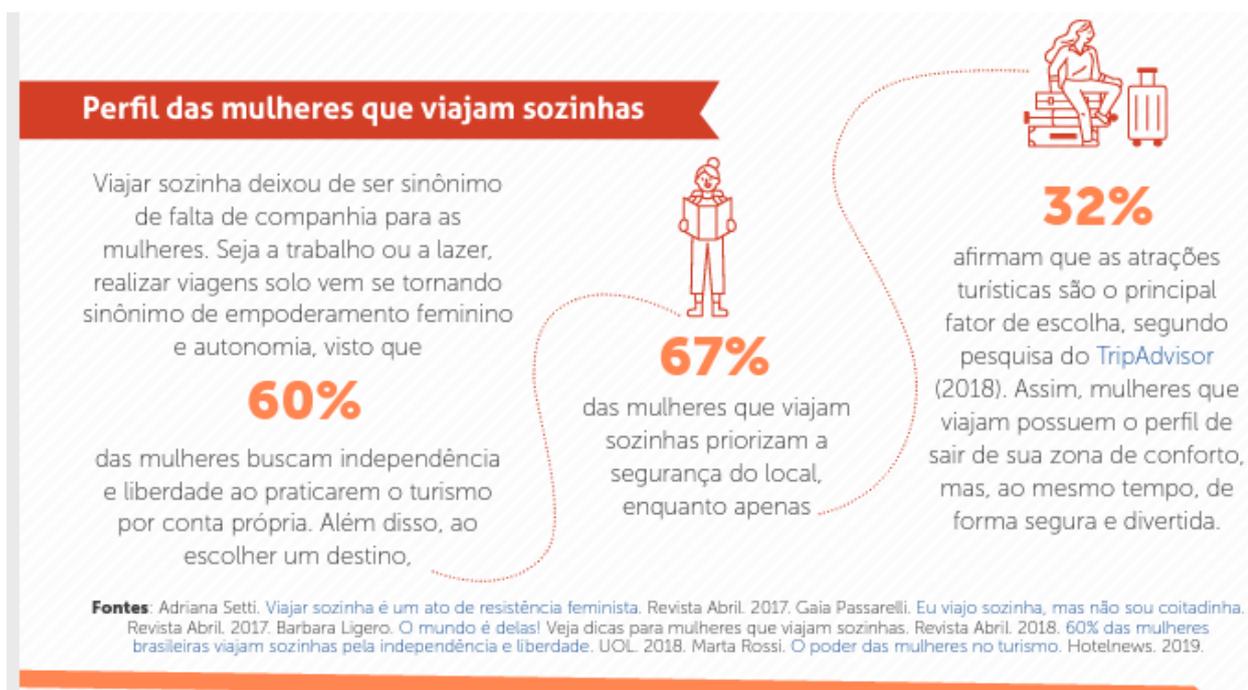
livremente, pois está cerceada pelos valores estéticos e éticos da ideologia de gênero fruto do patriarcado. (MELO E SOEIRO, 2020).

Por conta de toda essa movimentação que o turismo cria, há, por consequência, um surgimento de empresas e órgãos fundados apenas com esse foco:

O fenômeno turístico desperta interesse por vários motivos: causa um forte impacto nos indivíduos e grupos familiares que se deslocam, provoca mudanças no comportamento das pessoas e agrega conhecimento aqueles que o praticam, permite comparação entre diversas culturas, contribui para o fortalecimento da identidade grupal, é um meio de difusão de novas práticas sociais e aumenta as perspectivas de obtenção da paz pela compreensão e aceitação das diferenças culturais. Contribui, ainda, para a formação e a educação daqueles que o praticam. (MARUJO, 2005).

O SEBRAE, com função de apoio a microempresas e empreendedores, é um dos sistemas que almeja auxiliar no desenvolvimento desse setor. O relatório de tendências do turismo do SEBRAE aponta os seguintes dados sobre mulheres que viajam sozinhas

Imagem número 03: Perfil das viajantes



Fonte: SEBRAE (2019)

Em reflexo desses dados, o SEBRAE sugere então que o empreendedor os utilize para atrair ainda mais esse público. Para isso, eles propõem que as empresas pensem em

Formar pacotes exclusivos de passeios turísticos e viagens para mulheres pode ser uma estratégia para atrair o público feminino. Mulheres que buscam companhia de outras mulheres, excursões exclusivas para elas, com roteiros e destinos específicos são fatores que chamam a atenção do público feminino quando programam uma viagem. (SEBRAE, 2019).

Além disso, pensando na segurança e hospitalidade, eles lembram ao empreendedor que:

Além das preocupações comuns de segurança, como violência, roubos e assistência policial para possíveis casos de crime, as mulheres preocupam-se sobretudo com a violência social e de gênero quando escolhem um destino turístico, principalmente ao viajarem sozinhas. Diante disso, o empreendedor pode oferecer serviços específicos que garantam a segurança das mulheres, como seguro viagem para elas e pacotes turísticos com roteiros selecionados. Além disso, divulgar os destinos seguros para mulheres pode ser uma atividade do setor público e do setor privado para atrair maior quantidade de turistas. Para garantir maior conforto e segurança, os hotéis, pousadas, hostels ou hospedagens colaborativas podem oferecer acomodações e serviços destinados apenas às mulheres. Quartos e banheiros coletivos para elas, alas privadas para mulheres e trabalhadores treinados para atender a qualquer necessidade feminina são um diferencial do empreendimento turístico. (SEBRAE, 2019).

Em uma matéria do G1 (2019), é possível obter dados sobre viajantes solo e eles concluem que:

Medo e insegurança. É o que sentem 17% das mulheres latino-americanas quando o assunto é viajarem sozinhas. Pesquisa revelada pela Booking.com mostrou ainda que 16% das mulheres nunca nem pensaram na possibilidade, enquanto 55% justificam que preferiam a companhia de outra pessoa durante seus roteiros. O estudo mostra também que 38% das mulheres latinas nunca se aventuraram numa viagem em sua própria companhia. O resultado é fruto de uma pesquisa feita em março de 2019 com quatro mil pessoas[...] (G1, 2019).

Há, por conta desse crescimento da demanda feminina por turismo, o crescimento de empresas especializadas no público feminino, como conta a reportagem da CNN (2022) “Agências de viagem, grupos em redes sociais e empresas estão focando cada vez mais em mulheres, que procuram experiências seguras e enriquecedoras sozinhas.” (CARAVAGGI E BINI, 2022).

Há relatos de agências de turismo criadas apenas para mulheres e grupos de facebooks para as mochileiras, além de aplicativos que prometem facilitar a organização da viagem. Além disso, a reportagem conta como pessoas com deficiência, idosas e outras mulheres criaram coragem de sair e conquistar novos horizontes.

Trazendo também um recorte de raça, há blogs de viagens como Bitonga Travel, Pretas pelo Mundo e Diáspora Black voltados para viajantes negras. O Bitonga Travel ainda conta com um podcast com episódios semanais com relatos de viagens de mulheres negras.

A criadora do *Pretas pelo Mundo* enfatiza que sempre escutamos histórias negativas de pessoas negras e ela pretende cada vez mais falar de pessoas negras felizes e inspirar as mais jovens com isso.

Ela acrescenta que a importância de uma mulher negra viajar vem da capacidade de pluralizar o ponto de vista, colocando-a como pertencente à sociedade. No entanto, é importante, segundo Kenya, tomar alguns cuidados antes de botar o pé na estrada. “Assim como a comunidade LGBT, por exemplo, é necessário saber em quais países você será mais respeitada. É fundamental entender quem a aceita e quais comunidades costumam ser mais racistas”, pontua. (PORTAL GELEDÉS, 2020).

Em pesquisa feita em grupos da rede social Facebook, Silva e Moraes (2021) falam que “a exigência de um padrão de beleza afeta todas, e dentro do turismo não é diferente. Relatos relacionados com gordofobia, racialidade e a idade das viajantes é uma temática que também é discutida nos grupos.” (p.67). Dessa forma, as autoras mostram como o debate com recortes é de suma importância para que o assunto torne-se cada vez mais democrático, o que ainda não acontece plenamente:

Os estereótipos de mulheres viajantes mais comuns são: jovens, brancas, magras, solteiras e sem filhos. Esse padrão se associa à liberdade, muitas vezes excluindo mulheres que não o seguem. Os grupos, então, também se apresentam como um espaço de contestação dos padrões estéticos e sociais de mulheres viajantes. Há exemplo em um dos grupos que demonstra o questionamento a essa imagem predominante da mulher viajante. (SILVA E MORAES, 2021, p. 67).

Entretanto, é sempre importante ressaltar a dificuldade de encontrar dados com recorte de gênero. As pesquisas que revelam esses dados são, normalmente, apenas as que são feitas somente para isso. Nas demais

pesquisas com enfoque de turismo é raro encontrar dados sobre mulheres, sobretudo as desacompanhadas.

Em uma pesquisa realizada pelo IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) sobre o turismo o material faz uma referência intrínseca entre as relações políticas e econômicas e o mercado de turismo. Quando o poder de compra se amplia, isso impacta diretamente nas relações viagens, porém se os índices de violência permanecem em alta, a insegurança impacta nas escolhas de roteiros turísticos. Ou seja, é um mercado vulnerável e que sofre impactos de diferentes maneiras. Entender o viajante como cliente em potencial em diversos aspectos é necessário e primordial para que as regiões ampliem seu repertório inclusivo e diverso nas mais distintas perspectivas, inclusive para o público feminino, que tem potencial de explorar cada vez mais o turismo, mas que ainda esbarra em situações que impedem que seja vivenciado em sua totalidade, especialmente nas atividades internas no Brasil.

2.2 - O OLHAR MÍOPE DO BRASIL BRASILEIRO

Hushman e Figueiredo contam que “há mais de 150 anos, Stendhal publicou um relato de viagem intitulado *Mémoires d'un touriste*. Provavelmente seu autor não sabia que uma palavra que empregava seria um dia tão importante no mundo moderno e pós-moderno: turista.” (2004, p.156).

Para esses autores, que se baseiam em grandes estudiosos da área, o turista é uma personagem recente, fruto da sociedade:

Nos textos de Dean MacCannell (2003), encontram-se as teorias sobre a caracterização do turista, figura ligada à sociedade moderna, ao homem moderno. Segundo o autor, além de uma pessoa real, uma realidade, um fato, “o turista é um dos melhores modelos disponíveis para o homem-moderno-em-geral” (MACCANNELL, 2003, p. 3). É esse aspecto e essa acepção metassociológica que fazem do estudo do turismo e dos turistas um dos mais importantes atualmente. É principalmente na mente dos turistas que podemos apreender a civilização moderna. Trata-se da nova teoria da classe ociosa.

A viagem, e sua contraparte, o turismo, caracterizam-se hoje pela possibilidade de representarem o homem pós-moderno. De acordo com os folhetos, as publicidades, o homem deve viajar pelo menos uma vez no ano para lugares nunca antes visitados. Assim, viajar não é supérfluo. A viagem permite uma vida melhor, pois ela cura, combate o stress cotidiano e oferece a possibilidade de se vivenciar

experiências únicas, além de educar o viajante/turista e modificar sua percepção da vida. A viagem proporciona o conhecimento. Espelhamos nos viajantes intrépidos e famosos por seus feitos. (RUSCHMAN E FIGUEIREDO, 2004, p.157).

Esses autores ainda complementam dizendo que “o dicionário Le grand Robert de la langue française (REY, 2001) é claro na sua definição de turista: pessoa que se desloca, que viaja por prazer. Fazer turismo é fazer uma viagem por prazer (para se distrair, adquirir cultura, etc.) a um outro lugar” (Ruschman e Figueiredo, 2004, p.169). E não é nada muito além desse essencial que as viajantes desacompanhadas buscam. Elas querem desfrutar do prazer de estar em outro lugar e em sua própria companhia.

A pesquisa, como dito anteriormente, foi realizada no centro da capital Fluminense. A visão que o turista tem do Brasil, e, sobretudo, do Rio de Janeiro muitas vezes não é das melhores. As entrevistadas que não são cariocas relataram um pouco sobre o tema.

o professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Marcelo Machado explica que:

O temor em vivenciar experiências indesejadas é relevante fator limitante na escolha de um destino turístico. A preocupação com a questão da violência urbana tem ampliado o que definimos como medo social. Trata-se do medo construído socialmente e que afeta a coletividade. Dessa forma, muitas cidades apresentam estereótipos vinculados à violência e à criminalidade, possuindo esses espaços urbanos estereótipo deturpado e simplificado relacionado ao medo. (MACHADO, 2011, p.50).

Quando questionada sobre se havia algo que a assustasse em viajar sozinha a entrevistada H., levanta um ponto positivo para ela, em estar no Brasil. H. entende que o acolhimento das pessoas brasileiras foi um facilitador para sua viagem. Para ela, no Brasil as pessoas são mais abertas e a língua, como ela é portuguesa, também ajuda na comunicação. Ela acredita que se fosse outro país não teria essa facilidade em conhecer pessoas e teme que fosse se sentir mais solitária. Mesmo contrariando as falas de algumas pessoas que demonstraram pensar e a tentaram fazer crer, antes de vir para cá que o Brasil não é o melhor lugar para se viajar sozinha.

Porém, H. também diz que:

[...] principalmente porque é o Brasil e todo mundo tem a ideia de que o Brasil é super perigoso então falam “você é maluca, que não pode viajar sozinha que uma mulher não pode estar pegando o ônibus dia e noite sozinha ou estar no Rio sozinha, tipo, é o Rio de Janeiro, é muito perigoso. Nunca sai de casa sozinha assim”. Então todo mundo fala tipo, “meu deus você é doida tipo vai dar merda”. (ENTREVISTADA H.).

Já C., mesmo sendo brasileira, diz que sua família tinha receio dos perigos da cidade do Rio. Ela conta que a família ficou bastante preocupada, sobretudo por ela estar sozinha. Segundo ela, eles “falaram *“você é doida de ir sozinha para o Rio de Janeiro, é perigoso e não sei o que”*. Mas a entrevistada diz que *“[...] eu também não dei muita moral não, eu só vim.”*.

A alemã O., conta que os perigos da Alemanha para o Brasil são diferentes. Ela diz não ter medo do assédio aqui, pois acredita que isso não tem relação com estar viajando. Segundo ela

[...] eu estou acostumada, sou da Alemanha e sempre falam que a Alemanha é um país super desenvolvido, mas, por exemplo, isso para uma boate, aqui não vai haver uma pessoa que vai tocar sua bunda ou vai beijar você sem perguntar. Nunca, nunca me passou aqui. Sempre me perguntam “ah eu posso beijar você, ah eu posso tocar você”, e se você diz que não a pessoa se vai, até na Lapa. Mas na Alemanha havia rapazes que vinham na minha direção e me beijavam, tocavam minha bunda coisas assim. (ENTREVISTADA O.).

Ao responder outra pergunta, O. enfatiza essa diferença entre os perigos que ocorrem em cada local: *“Na minha cidade não vai ser desse jeito com arma. Lá passa mais que pegam uma menina com uma bala na boate e levam a menina para a casa para fazer qualquer coisa, depois desaparecem. Mas aqui tem bem menos disso, mais assalto, normal, com arma.”*

Apesar disso, assim como H. e C., dizem que quando conta a alguém que vai viajar sozinha pelo Brasil as pessoas perguntam se ela está maluca, inclusive os próprios brasileiros. Todavia, O. não parece se importar com esses comentários e desfruta ao máximo sua viagem, sempre com precaução.

A francesa N. reforça o que foi dito por O., quando questionada se há ocorrência por parte dos homens que a deixava constrangida, ela responde que:

Não, aqui não. Isso que é difícil para mim é que todas as pessoas ficam pensando que na América Latina a gente tem que cuidar muito na rua porque tem muitos homens incomodando as meninas, mas na verdade na América Latina tem menos frustração sexual e os homens assim vão te deixar tranquila na rua. Tipo, o homem vai te deixar se você falar

“Eu não quero falar hoje, por favor, deixa-me”. Ele vai entender isso. Na Europa não é assim. Isso é incrível. Para mim, tenho mais medo de ficar na rua a noite inteira na França do que aqui. (ENTREVISTADA N.).

Seguindo a entrevista N. foi indagada se os riscos que corre no Brasil são diferentes do da sua cidade ela segue com o testemunho de que:

Acho bem diferente pelo que eu estava falando. Aqui os homens são mais tranquilos. São bem machistas, ta? Mas são bem tranquilos na rua na verdade, do que na França. Para mim essa é a diferença mais incrível que encontrei. Aqui no Brasil, quer dizer, é uma insegurança que tem armas, tem pobreza. Então, vamos lá. A gente que precisa de dinheiro vê que você é estrangeira, se vê na sua cara, então é isso. Mas a segurança com homens é bem melhor aqui do que na Europa, que é o meu país. (ENTREVISTADA N.).

Mostrando assim que são perigos diferentes encontrados em cada lugar. É válido ressaltar que os aspectos da segurança são amplos e complexos, pois segurança pode envolver diferentes aspectos, sejam coletivos ou individuais, que podem estar relacionados com a possível violência, mas também pode estar relacionada com questões de integridade física (saúde e possibilidades de acesso a determinados destinos). Mas diante dos relatos as questões sobre criminalidade sobressaem aos demais aspectos.

Com essas colocações das viajantes percebemos que o medo que elas e seus conhecidos têm não é necessariamente relacionado com o gênero, mas, mais uma vez, com a segurança pública que se demonstra falha, embora a questão de gênero seja também um promotor turístico durante muito tempo no país.

Em uma busca rápida sobre dados relacionados a violência de gênero no mundo, os dados são alarmantes. “De acordo com a estimativa global publicada pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em 2017, uma em cada três mulheres em todo o mundo, especificamente 35%, já foram vítimas de violência física ou sexual durante a sua vida.” (<https://www.politize.com.br/violencia-de-genero-2/>). As formas de violência são variadas e reproduzem o sistema patriarcal e o papel social atribuído de acordo com as relações de gênero, com a concepção enfadonha e violenta de superioridade masculina, legitimando a violência contra mulher. Roteiro esse que permeia sociedades nos quatro cantos do mundo.

A visão estereotipada do Brasil é algo prejudicial ao turismo. Parte desse estereótipo criado pela própria promoção de um turismo voltado para exploração sexual e da pobreza como forma de engajamento.

É impossível falar de turismo no Brasil e não mencionar os anos 1980/1990 em que o próprio Brasil usava as mulheres como atrativo turístico, com vários corpos, em especial de mulheres pretas, exibidos em feiras e congressos internacionais como um objeto de compra fácil e sem restrições, elevando o Brasil, segundo dados da ONU, a um dos destinos mais visitados pelo mundo para atividades sexuais.

Esses dados são reforçados através do imaginário, vendido também por muitas pessoas ligadas ao turismo nacional, de que a submissão sociocultural reforçada pela exploração da pobreza enveredava para que a vulnerabilidade dessas pessoas imprimissem marcas dicotômicas entre violência e submissão. Ou seja, se venderiam fácil para os dólares que marcariam as possíveis relações, mas que também eram expressas através de atividades que banalizavam comportamentos violentos.

Esse cenário foi vendido durante muito tempo por agentes brasileiros e, inclusive por órgãos nacionais oficiais em feiras e congressos ao redor do mundo. Sendo reforçado pela imprensa em diferentes contextos.

Assim como as entrevistadas mostram que mudaram sua percepção sobre os perigos do Brasil e do Rio de Janeiro, Machado (2011), conta que há pesquisas sobre essa percepção, pois “[...] de acordo com a pesquisa da EMBRATUR, 51,5% dos turistas entrevistados indicaram que a estada modificou o estereótipo que tinham do Rio de Janeiro, passando a ter uma imagem mais atrativa e positiva da cidade”.

Seguindo com a declaração de N., pode-se notar que o medo e o perigo estão relacionados também com o ser turista. Para a carioca A., o turista se destaca e por isso os riscos que ela corre quando está viajando são diferentes dos que correria na sua cidade, ela completa dizendo que:

[...] quando a gente está viajando a gente normalmente se destaca né?! por ser diferente das pessoas que são daquela região. Então as pessoas meio que sabem que você é turista ali. Ou pela sua forma de falar ou pela forma de vestir. Então acho que é, assim, acho que isso

me faz mais vulnerável quando eu estou viajando. As pessoas sabem que eu não pertenço àquele lugar. (ENTREVISTADA A.).

A socióloga e viajante Claudia Hardagh, em entrevista ao Domingo Espetacular (2018), diz crer que não é porque se está viajando que existem mais perigos. Segundo ela, o assédio e o preconceito existem no local de trabalho, na rua e principalmente é preciso citar a violência doméstica, mostrando que não é estar fora do seu espaço que surgem os perigos.

Para Ruschman e Figueiredo (2004) “O viajante não age somente sobre seu ser, mas provoca também inquietações por onde passa. Os viajantes criam uma distância do que eles deixaram para trás.” (p.172), o viajante, portanto, traz o novo, o diferente, e isso explica o porquê do pensamento da A. e de outras entrevistadas.

A portuguesa H., é mais uma a afirmar que acredita que os riscos que correm aqui são diferentes, ela conta que em Porto e em Lisboa pode andar sozinha na rua que é difícil que aconteça alguma coisa. Contudo, reforça que “[...] eu já sei onde é seguro eu não andar sozinha ou tipo, estou acostumada, eu já conheço também, tem tudo mais perto. Eu estou acostumada. Eu nunca tive porque tipo eu estou em casa, então não é, não dá medo.”, demonstrando que quando se conhece o lugar ficamos mais relaxados, algo que não fazemos em viagens justamente por não ser nossa localidade.

Ao contrário das outras entrevistadas, J. demonstra segurança ao afirmar que o risco viajando e na sua cidade é o mesmo. Entretanto, ela, diversamente das citadas acima é brasileira e sempre viveu perto de São Paulo, outra grande metrópole. Mas, sabendo que quando está com suas bagagens ou coisas de mais valor deve redobrar os cuidados.

L. explica que já chegou a adiar uma viagem pelo receio do lugar desconhecido.

Talvez por segurança mesmo, por não saber como é o local. A gente vai para algum local e a gente não sabe como é que é. Quando é na nossa cidade tipo beleza mas quando é outra cultura... As vezes o bairro muda e muda a maneira como as pessoas lidam com a gente. (ENTREVISTADA L.).

Assim como dito por H., a sensação de estar em casa lhe parece mais acolhedora e tranquilizadora “Agora se você está fora da sua região, fora da sua

casa, fora do seu bairro, das pessoas que você costuma conviver já dá um medo mesmo.” completa a fluminense L.

A vista do relatado pelas viajantes é possível perceber uma sensação de insegurança quando se está em um local desconhecido. É inegável que há falha na segurança brasileira, mas há também uma ilusão dos próprios brasileiros de acharem que só há essa insegurança por aqui. As estrangeiras, sobretudo, mostram como a visão do Brasil é deturpada no exterior e que é preciso estar atento a riscos distintos em cada lugar visitado.

O medo social e a insegurança são, sem dúvida, fatores relevantes na escolha de um destino, mas que podem ser potencializados ou minimizados diante de comportamentos do próprio turista, seja ele, um planejamento prévio sobre o roteiro, a sua bagagem para poder usufruir dos espaços geográficos, ou estar atento as peculiaridades do lugar e isso não se reserva a uma viagem em território brasileiro, mas para qualquer destino mundial.

Quando o indivíduo se coloca no papel de turista, por exemplo, costuma se comportar de forma diferente do seu dia-a-dia, extravasando suas emoções, muitas vezes reprimidas pelo seu ambiente comum. O fato social turístico apresenta, portanto, maneiras de agir, pensar e sentir que são exteriores ao indivíduo, e que se lhe impõem, pois são dotadas de um poder coercitivo específico (MONLEVADE, 2010, p.8).

Em outras palavras, a comunidade de uma região turística, os hoteleiros, demais pessoas que trabalham no setor e, principalmente, os turistas assumem um comportamento que lhes é imposto pelo poder coercitivo que exerce o turismo como fato social, atitudes estas que são diferentes daquelas que assumem quando integram outros tipos de fenômenos sociais, como a religião, a política, o sistema financeiro, etc, no qual assumem posturas que se identificam com cada tipo em particular. (MONLEVADE, 2010, p .8).

O turismo impacta nas relações de diversas maneiras e nos espaços de diferentes formas, inclusive nas questões relacionadas à segurança que podem potencializar os riscos para o visitante e para o sujeito local. Fatores como estresse, sono, dieta e atividades físicas, uso de medicamentos do visitante, bem como planejamento e conhecimento prévio do local de visita, impactam diretamente nos riscos associados individualmente e coletivamente. Uma

viagem segura não está associada somente à segurança pública, mas ao bem estar do visitante como um todo. O viajante é um ser integral (corpo e mente) e que constrói relações que impactam na sua própria experiência e no coletivo.

2.3 A VIDA SE REFLETE NA ESTAÇÃO: SEGURANÇA PÚBLICA, LOCOMOÇÃO E TRANSPORTE

A locomoção foi o tema do quarto bloco de perguntas do roteiro de entrevistas e um dos pontos onde as entrevistadas mais demonstraram ter problemas na hora das viagens independentes. É importante ressaltar que o transporte está intimamente ligado à segurança pública e a políticas públicas.

As questões de segurança vêm recebendo crescente destaque quanto mais o contexto social se apresenta instável. É possível estabelecer um marco nessa área com os atentados de 11 de Setembro, onde o confronto com a realidade e reconhecimento das vulnerabilidades no âmbito da segurança abriu caminho para uma forma mais complexa e, por vezes neurótica, de tentar impedir novos ataques. Essa data também foi o marco para a relação entre turismo e segurança, pelo menos na amplitude dos estudos acadêmicos do assunto. A vulnerabilidade das companhias aéreas e a dependência de alguns destinos de algumas áreas emissores, mudou as regras das viagens, novos destinos foram descortinados e a atenção dos passageiros para itens antes irrelevantes passa a ser obrigatória. A geografia de viagens mudou e com ela surgiram novos desafios um deles a preocupação com a segurança em seu termo mais amplo e especialmente a relação com a imagem do destino. (IPT, 2015).

Quando pesquisamos sobre a associação entre gênero e turismo os resultados que aparecem primeiro são sobre o turismo sexual e pelas violências sofridas pelas turistas, os perigos e desafios que elas encontram nas ruas. Existe, portanto, uma imensa dificuldade de encontrar fontes que abordem tais assuntos sem direcionar a segurança - ou a falta dela.

Mesmo sabendo que esses são temas de extrema importância, não são eles que trabalharei aqui. Ao contrário do “óbvio” sugerido por essas pesquisas e pensamento popular sobre o tema, as entrevistadas me mostraram outro caminho para seguir. As viajantes com quem falei me mostraram, como vai ser descrito a seguir, uma grande segurança para viajar. Mesmo que elas apontam

momentos de insegurança, receio em fazer algumas atividades e que sentem que precisam estar mais atentas em alguns momentos, todas elas demonstraram certa confiança nas viagens realizadas, sobretudo na América Latina.

Quando questionada se a segurança era uma preocupação para ela, L. logo entra na questão dos transportes dizendo:

[...] a questão do transporte, porque como eu estou viajando de forma econômica eu não vou de uber para tudo quanto é lugar, eu não vou de carro, nem de avião. Dependendo da distância vai de avião, mas a maioria das vezes é ônibus. Então o transporte público do Rio não é lá essas coisas e os horários são bem complicados, ainda mais para a gente mulher e tal. (ENTREVISTADA L.).

Assim, podemos ver que uma melhora no sistema de transportes poderia facilitar o deslocamento das mulheres desacompanhadas. É preciso considerar também que:

Ao abordar as categorias mulher e deslocamento, de pronto surgem os conflitos derivados dessa relação; conflitos esses que derivam da incompatibilidade da representação da mulher com o deslocamento livre e despreocupado – inibindo o caráter democrático do deslocamento. Assim, se o espaço é social, ele contém, antes de tudo, as representações das relações de poder, econômicas e de gênero que enquadram, também, as relações de deslocamento. Deste modo, pode-se dizer que historicamente o deslocamento é hierarquizado não apenas economicamente, mas seguindo outros parâmetros sociais, entre eles, o de gênero. (MELO E SOEIRO, 2020, p.3).

Em entrevista ao programa Domingo Espetacular (2018) uma entrevistada relata que ela se preocupa muito com sua segurança, pois deve se preocupar onde vai se hospedar, como vai sair a noite, se vai poder beber e se divertir livremente e por isso ainda não teve coragem de criar a iniciativa para começar suas viagens desacompanhada.

Silva e Moraes (2021) apontam que a segurança “Ainda que pouco discutida dentro dos grupos de viagens, se apresenta como relevante para as mulheres, ainda mais para aquelas que viajam sozinhas”. Após apresentarem diversos exemplos sobre o tema as autoras concluem que:

o debate sobre segurança/insegurança da mulher viajante é fundamental como uma forma de não desmotivar novas mulheres a viajar e que mesmo diante de relatos de violência, compreendam que uma mulher viajar sozinha é movimento, é militância, é luta por liberdade, pelo direito de ir e vir. (SILVA E MORAES, 2021, P.69).

Duas das entrevistadas quando questionadas sobre a locomoção, se conseguiam se locomover de maneira independente ou sentiam receio em fazer isso disseram não ter nenhum problema nesse sentido. As demais disseram ter ressalvas dependendo do horário ou do que estão carregando. Ademais, duas delas ressaltaram que é uma habilidade que vai se desenvolvendo com o passar das viagens e o costume e conhecimento do lugar.

Assim como L., as outras viajantes também tocam no ponto do transporte de aplicativos.

C., quem estava em sua primeira viagem completamente desacompanhada, conta que anteriormente já havia visitado São Paulo com amigos, mas preferia fazer seus passeios desacompanhada, pois seus amigos tinham um orçamento maior e poderiam gastar com transporte privado, enquanto ela preferia economizar e usar o transporte público. Além disso, para C., o transporte público em São Paulo é mais eficiente, fazendo com que algumas vezes ela também economize seu tempo e possa aproveitar melhor sua viagem. Com a fala das entrevistadas L. e C. podemos perceber a diferença que faz ter um transporte público de qualidade e eficaz.

Eleger pegar um transporte de aplicativos invés de ônibus ou táxi quando desacompanhadas, mesmo que isso vá custar mais (o que é um tema importante por elas fazerem viagens econômicas), é também abordado pelas entrevistadas.

Já H., que também passou um bom período em São Paulo, diz que como está sozinha redobra os cuidados viajando, sobretudo a noite “[...] *se sei que vou pegar um ônibus a noite ou assim tenho que ter mais cuidado ou se eu estiver sozinha assim pego mais uber como transporte e não andar a pé.*”

Com essas falas de H. e C., podemos perceber que mesmo que o transporte público seja eficiente, algumas vezes a segurança é um empecilho para seu pleno funcionamento.

Recente pesquisa com mulheres a partir dos 16 anos de idade na cidade de São Paulo, da Rede Nossa São Paulo, em parceria com o Ibope, encontrou que em cada dez mulheres, quatro (40%) avaliam o transporte público como o lugar onde elas mais correm risco de sofrer algum tipo de assédio. Outras 25% já sofreram assédio no transporte coletivo, e ainda para 23% das mulheres, a rua é um local de risco, e 11% temem o assédio em bares e casas noturnas (ALBUQUERQUE, 2019).

é mais uma viajante que diz que dependendo do horário e do que está carregando prefere pagar um pouco a mais e pegar um Uber. Entretanto, nem assim se sente segura “[...] é muito perigoso, até pegar um uber.”.

A entrevistada A. afirma que o tema da locomoção é o mais complicado para ela:

Ai acho que é a pior parte para mim. É a parte que eu mais sinto receio é na hora da locomoção. Principalmente, tipo, quando eu vou fazer a locomoção de maneira... através de ônibus é a parte que eu menos gosto. Tipo quando eu preciso acessar as rodoviárias, esses lugares assim é o lugar que eu mais me sinto insegura. (ENTREVISTADA A.).

Além disso, quando questionada sobre as maiores dificuldades que já passou viajando sozinha a locomoção:

Ah, acho que a maior dificuldade assim, que eu passei, para mim é quase sempre na hora da locomoção. É porque eu fiz um cálculo um pouco errado e acabei chegando no destino a noite e não tinha mais ônibus para pegar e eu não sabia disso, descobri quando cheguei no lugar. E aí, não tinha ônibus, nenhum Uber aceitava então eu fiquei por muito tempo esperando na rodoviária onde não tinha ninguém, nenhuma segurança, nada. Então eu me senti em completo desespero assim. (ENTREVISTADA A.).

J. também acredita ser algo desafiador no começo, mas que com o tempo você vai desenvolvendo a habilidade de se programar melhor sobre a locomoção

Isso é uma coisa que eu ainda estou aprendendo e é uma coisa que eu tinha bastante insegurança e é uma coisa de comprar a passagem certa, fazer um roteiro certo. Mas a gente vai sempre pegando dica né, de outros viajantes, então principalmente para viajar entre cidades eu já estou me sentindo melhor. Nas cidades é muito no boca a boca. Você vai, você pergunta, então às vezes eu fico um pouco perdida, mas de modo geral eu estou me sentindo bem sim. Estou atingindo meus objetivos de me locomover, de chegar, pedir orientação e chegar no meu objetivo. (ENTREVISTADA J.).

Três das entrevistadas também entraram no tema da carona, bastante comum em viagens econômicas. Obviamente, não é o caminho mais seguro a seguir. Entrar no carro de uma pessoa desconhecida em um lugar também desconhecido é sim arriscado. Mas também é uma experiência que muitas querem ter.

J. diz que foi um pedido de sua família para que não o fizesse e que está diretamente ligado ao financeiro. Ela disse:

Ah, me convenceram a não pegar carona sozinha. Isso eu queria fazer, queria ter essa experiência, queria economizar dinheiro, mas a minha família toda pesou na minha cabeça para eu não fazer isso e eu meio que prometi e falei “ah, ta bom!”. Como eu tenho recursos financeiros, eu vou gastar com passagem na viagem e não vou pegar carona no dedão. (ENTREVISTADA J.).

Entretanto, ela argumenta que é algo que ainda almeja e que acredita que com o tempo pode conseguir realizar esse desejo.

Mas mesmo assim eu tenho para mim que conforme eu estiver mais madura, aprender a ler melhor as pessoas e precisar de dinheiro eu imagino que esse dia vai chegar e eu vou pegar carona no dedão porque vendo exemplo de outras pessoas você vê que é possível. Mas por enquanto me convenceram a isso. Eu realmente ainda não estou me sentindo bem de ir na estrada e pedir carona no dedão. (ENTREVISTADA J.).

L. conta que estava se planejando para fazer uma viagem até o Uruguai de carona, mas depois repensou e agora parece melhor pagar outro tipo de transporte. A carona, no entanto, segue em seus planos para outra viagem, na Colômbia, mas dessa vez acompanhada. Para ela, seria impossível fazer essa viagem sozinha “*porque a gente acaba impondo um respeito quando a gente diz que tem namorado ou algum amigo e tal.*”.

Outro artifício utilizado pelas viajantes são os aplicativos de mapa, que auxiliam na locomoção dentro das cidades, fazendo com que não tenham que estar sempre perguntando a um desconhecido na rua um caminho, ou ter que carregar um mapa físico da cidade, o que também faria com que todos percebessem que não são pessoas locais. O aplicativo do mapa facilita essa independência. Porém, há determinados horários e lugares que também devem evitar usar o celular na rua.

Há, portanto, facilitadores para que a locomoção aconteça. Mas a segurança pública ainda é um problema enfrentado pelas mulheres desacompanhadas.

É perceptível que o transporte, a segurança e o financeiro são temas correlacionados. Assim, seguiremos falando sobre a organização orçamentária das viajeiras.

A escolha do local para onde se vai viajar está intimamente ligada à segurança. É claro que há lugares onde o imaginário popular nos remete a insegurança como explica Machado (2011):

Ao se afastar temporariamente do seu entorno habitual, o turista busca satisfação pessoal através da alteridade propiciada pelo deslocamento e estada na destinação escolhida. A definição do destino ocorre através da percepção dos fatores motivadores que estimulam positivamente o deslocamento turístico. No entanto, também é levado em consideração os fatores limitantes que influenciam negativamente na escolha de uma localidade como destinação. Um fator limitante relevante e decisivo na escolha de um destino turístico é o medo social, caracterizado como o medo construído socialmente e que afeta a coletividade, gerando as pessoas uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação que acontece comumente quando o homem está longe do seu entorno habitual ao temer a violência e a criminalidade. (MACHADO, 2011, P. 48).

Essa fala do Professor Marcelo Machado reflete o pensamento principalmente das famílias das entrevistadas, sobretudo quando falavam do Brasil. Porém a fala de N. e J. demonstraram uma quebra do imaginário de insegurança relacionado ao gênero em que remetem a América Latina. Elas não negam que o medo que surge pelo tema, mas a insegurança não é somente relacionada ao gênero, porém se expande quando se relaciona quando o assunto se direciona a mulher.

É importante ressaltar que a insegurança é um fenômeno gendricado, ainda que o termo possa ser interpretado como uma espécie de estrangeirismo, expressa com firmeza a dimensão da insegurança de uma mulher viajante que se agrava quando se pensa em uma mulher viajante solo.

Para fomentar essa questão, uma busca rápida na internet sobre mulheres que viajam sozinhas, além das dicas de experiências, surgem inúmeras postagens sobre segurança em diferentes aspectos. No site do G1 apresenta que cerca 17% das mulheres latino-americanas temem viajar sozinhas, apontou pesquisa do site de reservas Booking.com, de 2019. De acordo com o estudo, 38% das entrevistadas nunca fizeram esse tipo de roteiro e 16% nem pensam na possibilidade.

Uma mulher levantar a possibilidade de uma viagem solo é refletir, além do roteiro, pensar sobre caminhos que possam levar a criar movimentos que a mantenham em segurança em todos os aspectos, o que não se aplica em uma

organização de viagem pelo gênero masculino, já que a mesma busca na internet modificando o gênero, remete a dicas de como embalar a bagagem para que não seja violada.

As mulheres, em seu deslocamento livre, podem criar estratégias e encontrar meios que as façam sentir menos insegura e com passar do tempo e vivenciando a experiência de viagem solo, pode ir sendo não mais um aspecto de tanta relevância e impacto nas decisões, porém é perene até mesmo nas expectativas da família e das pessoas com quem se relaciona ao longo do tempo.

A frase: “você é louca de viajar sozinha”, é uma realidade impactante e indiscutível ao público feminino que viaja sozinha. Um incômodo vivenciado através da necessidade de impor respeito nas mais diversas situações, desde a escolha da hospedagem até a roupa e horário dos passeios no roteiro escolhido, aspectos que com uma probabilidade bem grande, um homem jamais teria que planejar em sua aventura de viajante solo.

CAPÍTULO 3 - LIBERDADE ATRAVÉS DE NOVOS ROTEIROS: ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA, EMANCIPAÇÃO PESSOAL E INTERAÇÕES SOCIAIS

Neste terceiro capítulo será feita uma reflexão, pautada majoritariamente nos relatos das experiências pessoais das viajantes. Esta parte que mostra como viajar é emancipatório para mulheres, sob a perspectiva de que viajar sozinhas as leva a prosperar pessoalmente. Mesmo que, impedidas historicamente de circular, essas viajantes quebram paradigmas e seguem para outros espaços, se redescobrimo, fortalecendo e crescendo.

No primeiro subcapítulo *criando memórias e revistando histórias: emancipação pessoal através da experiência de viagem*, serão apresentados os testemunhos e ponderações de como as viagens auxiliam e corroboram na emancipação e no crescimento pessoal das mulheres viajantes.

Seguindo a mesma linha, em seguida, *instrumentando o sonho da liberdade e do conhecimento: organização e controle financeiro nas viagens*, será pontuado como a liberdade e o controle financeiro contribuem para também um amadurecimento das viajadoras. Haja posto que a autonomia financeira das mulheres está sendo conquistada aos poucos e é recente, a viagem tem auxiliado em mais essa conquista.

Por último, *as interações sociais durante a viagem: conhecer pessoas e partilhar histórias*, traz um dos pontos mais levantados pelas entrevistadas é que a viagem abre a possibilidade de conhecer novas pessoas, culturalmente a viagem se torna uma experiência enriquecedora.

3.1 CRIANDO MEMÓRIAS E REVISTANDO HISTÓRIAS: EMANCIPAÇÃO PESSOAL ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DE VIAGEM

Um dos tópicos mais discutidos pelas entrevistadas foi o crescimento pessoal que elas adquiriram realizando viagens independentes. Esse é um assunto que só progride com a experiência e com a construção de um plano de sabotar medos e de transgressão de padrões comportamentais impostos socialmente às mulheres. Os relatos mencionam sentimento de vitória, orgulho e resistência, proporcionado pela independência e liberdade durante a viagem faz com que as mulheres criem conexões internas e coletivas, proporcionando bem-estar e autoconfiança.

Todas as viajantes entrevistadas demonstraram esses sentimentos além dos outros diversos relatos encontrados nas outras referências usadas neste trabalho.

Ruschman e Figueiredo (2004) contam como as viagens e seus relatos ratificam esse sentimento exposto pelas entrevistadas:

A principal ideia é reforçada pelos relatos: a experiência da viagem é importante para o ser humano, pois se configura como um momento sagrado, de transformação, de encontro com o próprio eu, de descoberta da diversidade e da identidade. A viagem é uma necessidade transformadora. Os relatos de viagem e a literatura sobre

viagens criam e reforçam a idéia da viagem como ação humana importante para a formação do homem. (RUSCHMAN e FIGUEIREDO, 2004, p. 179).

A carioca A. conta que o que a motivou a viajar foi a necessidade de crescer e ser mais independente e que seus objetivos em estar sozinha são o autoconhecimento e o próprio amadurecimento pessoal, inclusive aprendendo e aprimorando outros idiomas conversando com outros viajantes. Ela completa dizendo que por muito tempo descreditou da sua capacidade e que se preocupava muito antes de iniciar seu roteiro, *“mas que quando eu cheguei lá eu vi que existem muitas possibilidades, a gente conhece muitas pessoas, a gente se reinventa, então eu acho que isso foi o que mais mudou assim, em relação a mim depois que eu comecei a viajar sozinha”*.

A opressão patriarcal, marca a história das mulheres que reservam-se a espaços secundários inclusive sobre o autoconhecimento e cuidados consigo mesmo, sempre colocando os demais como prioridade. Historicamente a sociedade não aceita que mulheres possam, quando esses movimentos libertários femininos surgem, rapidamente o sistema busca formas que as inviabiliza de continuar o alcance de objetivos.

Viajar é um desses comportamentos libertários e identitários. Uma construção de saberes e de desejos individuais e de autoempoderamento que consomem reflexos e reflexões sobre si mesmas ao longo da calma e dos olhares sobre si próprias, bem como da tomada de decisões e da responsabilidade individual e conectada unicamente com seus princípios:

As mulheres têm pouco ou nenhum acesso ao exercício do poder, seja no meio público, na ocupação de cargos, seja no exercício de sua sexualidade livre de coerção. É preciso repensar e robustecer a transformação social que educação e saúde podem produzir, para potencializar mais pesquisas e estudos relacionados à sexualidade feminina baseados em reflexões emancipatórias, na busca da melhoria da qualidade de vida. (MARQUES, 2022).

Assim como A., C. também queria testar suas capacidades em uma cidade diferente, saber quais são as habilidades que ela tinha em “se virar” sozinha e “desenrolar” as dificuldades que aparecem pelo caminho. Ao final, ela diz ter se sentido “muito “foda”, uma sensação ótima” e que superou o medo de achar que não conseguiria e que percebeu que é capaz de fazer tudo.

O medo é algo intrínseco ao ser humano, devemos aceitá-lo como parte de nossas vidas. Devemos, ao mesmo tempo, aceitá-lo e tentar superá-lo quando ele passa a nos limitar de alguma forma. E é isso que as viajantes fazem quando saem da sua zona de conforto para abrir seus horizontes.

Cris Marques, em entrevista ao Domingo Espetacular (2018) aponta que ela deve estar preparada sempre para como o mundo a pode receber. Os medos da viagem, segundo ela, são frutos de uma cultura muito opressora, machista e que colocam as mulheres em um lugar muito inferior e que não dão autonomia e liberdade a elas e que muitas mulheres nem sabem o porquê de seus medos.

Segundo blog do Estadão, intitulado como *Mulheres que viajam sozinhas são mais autoconfiantes*:

A mulher que viaja sozinha sabe tomar conta de si mesma. Essa mulher viaja preparada. A consciência de sua vulnerabilidade indiretamente lhe traz mais segurança. Isso quer dizer que justamente por reconhecer os riscos que corre, a mulher tende a se proteger ainda mais. O medo não a impede de ir, mas é importante para que se mantenha protegida. (AMANDA VIAJA, 2015).

A paulistana J. diz que seu objetivo em realizar viagens sozinha era crescer como pessoa e se conhecer melhor, justificando que com sua idade as cobranças cresciam. Ela narra que:

Porque eu estava muito insatisfeita comigo mesma, me sentindo imatura demais, não pronta, não preparada para a vida e já com uma cobrança da crise dos 30. Porque eu já estava fazendo 30 anos. Esse ano eu completo 30 anos. Então eu me sentia muito inocente, muito jovem, muito despreparada, muito dependente dos outros. Então eu vi que viajando eu ia me tirar da minha zona de conforto, eu ia me forçar a crescer, a justificar, a aprender a ter que tomar decisão sozinha, fazer meu roteiro, fazer tudo sozinha, me virar e realmente me conhecer, porque eu tive uma depressão então meio que todo o processo, aquela Juliana ela tinha morrido e eu tava ressuscitando de uma depressão e agora que eu tenho vida eu estou tipo o que sou eu? O que eu quero? Então a viagem veio para ajudar com isso também, a me conhecer. (ENTREVISTADA J.).

Mais à frente na conversa ela ainda diz sentir que tomou a decisão correta ao viajar sozinha e está seguindo o caminho que deveria, e que, mesmo as adversidades foram importantes para seu crescimento e amadurecimento.

Ademais, J. conta que as viagens estão fazendo com que ela sinta menos ansiedade e que já consegue aceitar melhor a ideia de começo, meio e fim do que está vivendo, de que tudo tem esse ciclo. A adaptação ao ambiente também

vai se tornando mais natural. O desconforto de estar em um lugar desconhecido vai se tornando algo mínimo com mais experiências. Ela se diz orgulhosa e confiante das decisões tomadas. “de finalmente falar "Não, vai dar certo!" e mais paciente comigo mesma, de realmente parar para me observar e eu estou tendo mais amor comigo, mais paciência, estou me cobrando menos.”.

As diferenças de gênero se compõem nos variados comportamentos e oratórias diante do ser mulher, são refletidos com um misto de “menina é um ser doce, mas precisa ser forte para enfrentar o mundo”. E essa dicotomia imprime em a dita “falta de paciência consigo mesma”, com a necessidade de assertividade constante e com as consequências das inevitáveis falhas durante o processo, sendo a mulher sempre com a autopunição e o medo de nunca dar certo, estreitando os caminhos que possa conquistar sem as amarras do patriarcado.

O fato de a mulher assumir funções no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que persistem as funções que lhe são atribuídas tradicionalmente torna evidente a sobrecarga. A questão envolve o debate sobre a desigualdade de gênero e a necessidade de refletir sobre a delegação das responsabilidades primordialmente à família, sem conjugar com outros esforços que devem incluir o apoio da esfera pública (MONTENEGRO, 2018).

Entretanto, J. diz que ainda está vencendo esse obstáculo da autoconfiança. Ela não nega que já avançou muito, mas crê que ainda há bastante o que conquistar, ainda se questiona e se preocupa. “E uma frustração muito grande é realmente saber me impor porque quando eu chego eu dou muito espaço para os outros, para eu perceber o outro e aí só depois de um tempo eu vou começar a me inserir no entorno. Então com isso eu ainda estou pegando. No meu antigo voluntariado que foi para me ensinar isso e parece que eu ainda não aprendi também e tenho que ter mais confiança de falar "*Não, eu sou legal! Deixa ser quem eu sou*".

Em seu blog na página *Catraca Livre*, Natalia Marques (2019) mostra como esse receio de viajar sozinha é uma herança histórica, consequência da subordinação feminina. Para ela “Essa dependência, fruto do passado e de uma sociedade com raízes patriarcais, ainda hoje faz com que muitas não consigam desenvolver plenamente a independência e precisem de uma figura para se

sentir seguras”. Mas, assim como as entrevistadas, demonstra confiança na mudança desse cenário, o que ainda define como algo necessário.

Viajando há 5 anos, N. afirma ter conquistado mais independência e que depois de ter passado tanto tempo fora de seu país, em culturas tão diferentes, se sente muito mais forte.

L. relata que foi muito legal quando se deu conta de que poderia ir a qualquer lugar, apesar das limitações. Ela também conta que venceu alguns obstáculos na sua experiência, demonstrando assim a conquista de uma maior independência e maturidade durante seu processo:

Eu acho que alguns preconceitos com algumas coisas que eu tinha e umas coisas de cuidado da mãe e do pai assim de “não, não faça isso, cuidado com aquilo” e quando você vai sozinha você não tem essa proteção né? Você vai, tipo, “ah, minha mãe não está aqui, eu vou ver, vou experimentar, ver como é que é” (ENTREVISTADA L.).

Assim como mencionado no item Financeiro e Políticas Públicas, O. relata que viajar sozinha fez com que ela desenvolvesse uma maior aptidão para lidar com o dinheiro e aprendeu a administrar melhor quais serão suas prioridades. Além disso, a viajante diz que essas características ensinam bastante:

Então, isso é se formar no mundo, saber como andar, como não andar. Também perder a vergonha de falar com pessoas que você não conhece e ter como muita confiança em você mesmo e não, outra coisa, que pude dizer para mim e para ela de não tomar muito a sério as coisas. Ou ao menos poder decidir quando vai ser sério. E quando estou no trabalho é outra coisa. (ENTREVISTADA O.).

Ademais, O. conta que quando percebeu que era uma mulher viajante passou a perceber-se como uma mulher mais forte, a falar as coisas mais diretamente e a dizer mais o que ela realmente quer. Para ela, como o tempo de interação com outros viajantes normalmente não é longo, um posicionamento firme é necessário.

H. menciona a liberdade conquistada quando se viaja sozinha, de poder escolher fazer o que quiser, ou se não quiser fazer nada poder ter direito a isso. Para ela, é mais fácil na hora de tomar decisões. A portuguesa se diz muito orgulhosa de si mesma e com mais confiança:

Tipo, ok, já consegui sair sozinha. Antes me dava medo de falar tipo, aí quero viajar sozinha. Pode dar merda e você está sozinha e no fim tipo você nunca tá sozinha, mas sempre há alguém que vai te ajudar. Mas eu pensava “então se eu tipo perco meu celular e estou sozinha

então tipo, o que que eu faço?” e assim, tipo é sempre esse medo, medo de ir sozinha e de não conhecer pessoas. E aí acho que ter ultrapassado isso e agora e para o futuro acho que já não tenho. Tipo, criei um orgulho. Tipo queria ir num sítio e não tinha companhia e perdia a viagem ou ficava dependendo das datas dos outros e agora e para o futuro já tipo tenho mais confiança para ‘ah, pronto quero ir e vou’. (ENTREVISTADA H.).

Stella Franco conta, baseada em outras autoras, um pouco mais sobre essa experiência de como as mulheres conquistam mais independência nas viagens:

O recente trabalho de Adriana Méndez-Ródenas (2014) também enfatiza as especificidades: as viajantes tenderam a fazer dos locais de visita seus lares, ao invés de um simples lugar de passagem, o que cumpriria a função de diminuir a diferença entre elas e as populações locais. No entanto, destaca um aspecto que interessa sobremaneira a este artigo, por ir além da circunscrição da mulher ao círculo da intimidade ou do privado. Para a autora, as viagens propiciaram às mulheres a possibilidade de forjarem outros papéis, tais como os de observadoras sociais, etnógrafas amadoras e escritoras da história natural. Além disso, pondera que concretamente essas viagens podem ser entendidas como um canal de autotransformação das mulheres. O ecletismo dos relatos teria contribuído para que as viajantes os utilizassem para abordarem os mais variados temas, transformando-os, ao fim, num veículo de autoafirmação. (FRANCO, 2017, p.5).

Leal (2020), do blog *Mulheres que Viajam Sozinhas*, conta que viaja desacompanhada há 24 anos. Em seu texto ela dá diversas dicas para que outras mulheres possam tomar a iniciativa para começar essa trajetória também. Sobre o autoconhecimento e emancipação adquiridos, para ela

Viajar sozinha talvez seja uma das coisas que mais nos faz mergulhar dentro de nós. Encarar sua própria companhia, seus medos, e ter de lidar com tudo por sua conta é a maneira mais poderosa de se conhecer e se tornar mais independente. Você vai descobrir que pode fazer muito mais do que imaginava sozinha, e que ainda vai gostar disso. Acredite! A esmagadora maioria das mulheres com quem já conversei sentem o mesmo. Descobriram o quanto são capazes, o quanto podem ser mais autônomas, o quanto podem decidir por si mesmas e tomar as rédeas da própria vida, depois de uma viagem solo. Se apaixonar por si mesma vai ser uma das experiências que você terá ao viajar sozinha. E essa forma positiva de se ver no mundo e encarar a vida muda tudo. (LEAL, 2020).

Assim, os sentimentos de orgulho e liberdade proporcionados pelas viagens fazem com que as viajantes solas se vejam cada vez mais como mulheres fortes, corajosas e independentes, capazes de alcançar seus objetivos e aprimorar seus conhecimentos.

As descobertas sobre nós mesmas e sobre o mundo que fazemos quando estamos viajando sozinhas é de incalculável valor para nossas

vidas. Porque a partir do momento que a gente parte para uma viagem sozinha, estamos por nossa própria conta e o exercício de autonomia e liberdade que isso promove muda completamente nossas vidas. Você pode ter certeza que irá voltar de sua viagem solo muito mais segura e confiante em si mesma. E não há nada que pague esse sentimento de autonomia e independência. (LEAL, 2020).

Diante dos relatos das viajantes fica evidente que o processo de decisão de se emancipar para criar um plano de viagem solo é revisitar os processos de memória da educação recebida até então, encarar os medos e reconstruir um novo roteiro não só de exploração do espaço geográfico, mas também de reorganizar a experiência de viagem em sua própria emancipação no sentido amplo do termo.

3.2 INSTRUMENTANDO O SONHO DA LIBERDADE E DO CONHECIMENTO: ORGANIZAÇÃO E CONTROLE FINANCEIRO NAS VIAGENS

Para as mulheres, historicamente, sempre foi mais difícil o acesso ao espaço público e a independência financeira, como já foi explicado nos capítulos anteriores. Esses fatores implicam diretamente na dificuldade de poder viajar e, sobretudo, viajar desacompanhada.

Os papéis destinados às mulheres em uma sociedade patriarcal, permeava entre nenhuma autonomia e servidão ao homem, fosse ele marido, pai, irmão, tio.... Não importava o grau de parentalidade ou de afetividade, elas eram ensinadas a se debruçar aos desejos e ordens masculinas. O que impunha também a negação ao direito à educação formal e a possibilidade de trabalho, impactando em invisibilidade e dependência econômica masculina:

Em 1932, as mulheres obtiveram o direito ao voto e à alfabetização, sendo a alfabetização da população em geral de grande interesse para os políticos da época, já que apenas pessoas alfabetizadas podiam votar (BELTRÃO; ALVES, 2009). Mas foi apenas em 1961 que a lei garantiu a equivalência de todos os cursos de grau médio, o que acabou abrindo possibilidade para que as mulheres que faziam magistério pudessem disputar os vestibulares (Apud, RODRIGUES, 2020).

A descoberta e ampliação do uso de anticoncepcionais, a ampliação do atendimento escolar para primeira infância e a obrigatoriedade da escolaridade a ida da mulher para o mercado de trabalho, foram aspectos de grande relevância que proporcionaram a mulher autonomia financeira e, conseqüentemente, ampliação do repertório de vivências, proporcionando visibilidade e compromisso consigo mesma.

Mas a educação financeira ainda é um trabalho ineficaz e estreito na sociedade brasileira. E quando falamos de mulheres, esse tema é ainda mais escasso e apagado. O que implica também nas organizações de atividades de viagem, que impacta no fator segurança, uma vez que a falta de dinheiro pode impactar nos meios de locomoção e de abrigo mais vulneráveis, na alimentação inadequada, autonomia na tomada de algumas decisões, entre outros pontos.

Segundo o boletim de tendências do turismo de 2019 do SEBRAE:

Cada vez mais as mulheres vêm conquistando espaço no mercado de trabalho, e assim, maior autonomia e independência no seu dia a dia. Os avanços refletem também no turismo, considerando o maior poder aquisitivo das mulheres. A tendência é que, gradativamente, elas comecem a viajar mais – e, inclusive, viajar sozinhas. Segundo pesquisa realizada pela Travel Industry Association nos Estados Unidos, 32 milhões de mulheres viajam sozinhas todos os anos, mas no Brasil esse ainda é um mercado em desenvolvimento e que cada vez mais vem sendo explorado. (SEBRAE, 2019).

Mesmo com o maior acesso da mulher ao dinheiro e autonomia nos hábitos e atitudes sobre a conduta da administração financeira, as implicações sobre diferenças de remuneração entre gêneros, a sobrecarga feminina em relação à família e trabalho e a vulnerabilidade em relação à segurança em diferentes aspectos, ainda são decisivos para que os sonhos de uma viagem solo fiquem em segundo plano, porque as prioridades de manutenção da vida de alguma maneira se sobrepõem possibilidade de fazer economia e para manter um plano de acessibilidade a realização da viagem sem sobrecarga relacionada a impossibilidade de se manter financeiramente.

Em pesquisa realizada pela Voopter, 86,6% das 5 mil entrevistadas disseram que uma das razões que mais as impede de viajar é a falta de dinheiro. As entrevistadas da minha pesquisa alcançaram o objetivo de viagem das mais

diversas maneiras. O home office tem ajudado diversas pessoas a seguirem trabalhando e viajando ao mesmo tempo. H. e N. são exemplos disso.

O sexismo relacionado às questões econômicas é um dos entraves enfrentados pelas mulheres na autogestão de suas vidas, como menciona a entrevistada acima. A educação financeira não é um compromisso relacionado à aprendizagem feminina e agrava com a vida adulta quando se depara com suas próprias fontes de renda, em geral, com pouca valorização se comparada com o gênero masculino para exercer as mesmas funções, impactando diretamente nas atividades da rotina, causando danos sérios, inclusive na saúde mental feminina.

Segundo Peter e Palmeira:

Educação financeira é a capacidade de entender finanças e assuntos relacionados. Mais especificamente, refere-se à capacidade de um indivíduo de fazer julgamentos bem informados e decisões efetivas sobre o uso e gerenciamento de seu dinheiro. (2013, p. 03)

N., que começou sua viagem, em 2018, diz que trabalhou primeiro em estúdio de gravação, onde gravava sua voz e tinha que enviar somente o áudio para França, onde era seu contrato de trabalho e hoje consegue trabalhar junto com sua mãe com produção, também online. H. mantém sua viagem trabalhando remotamente e com o auxílio de sua família. C., por sua vez, contou ter feito um empréstimo para poder viajar. J., L. e A, usam um aplicativo de troca de trabalho por hospedagem, o que as possibilita economizar o que se gastaria com um alojamento. Algumas vezes o anfitrião serve uma ou mais refeições, o que viabiliza a viajante a economizar com alimentação e ainda poder nutrir-se de forma adequada. Aspectos que lhe fornecem um percentual de segurança (alimentar e econômica) para poder conhecer o lugar por mais tempo e vivenciar um pouco mais da cultura local. L., por exemplo, diz que viajava muito esporadicamente, mas, esse artifício foi um facilitador e abriu novas oportunidades porque os gastos são infinitamente menores do que uma viajante não voluntária. A entrevistada L. explica um pouco mais sobre seu objetivo de

viagem, como concilia o seu trabalho remunerado e como economizar na hospedagem usando essa plataforma:

Então, eu trabalho como modelo, então eu quero fazer as duas coisas né?! Eu quero conhecer os lugares e também quero trabalhar e aqui no Rio isso tem funcionado muito para mim. Eu fico nos hostels de boa, não pago hospedagem e ainda consigo trabalhar porque meu trabalho é muito flexível e no hostel que eu estou também, agora, atualmente. (ENTREVISTADA L.).

O. menciona que viajar sozinha, nesse estilo de viagem, foi uma escolha pessoal. Ela conta que gosta muito da companhia das amigas, mas que ao contrário delas, prefere fazer uma viagem mais econômica que possa durar mais, do que gastar bastante em pouco tempo. Essa mesma entrevistada também aborda o tema do controle financeiro nas viagens independentes, e diz que isso faz com que a viajante aprenda, ou desenvolva melhor o que são suas prioridades:

Eu acho que você se faz uma pessoa muito forte, pode fazer prioridades porque você nunca está com muito dinheiro então você tem que fazer prioridades. O que você gosta ou não, o que vai fazer agora, tipo "vou agora para o jogo ou vou guardar o dinheiro para outra coisa?" Não tem outra pessoa que vai decidir isso para você, você tem que fazer isso. Então, isso é se formar no mundo [...]. (ENTREVISTADA O.).

Esse controle financeiro nem sempre é ensinado na infância, em especial para mulheres, então é uma habilidade que vamos desenvolvendo com o passar do tempo. Estar sozinho, em um lugar que não é o seu, nos força a aprender melhor como controlar os gastos que temos e pensarmos nas emergências que podem surgir. Quanto ao quarto feminino todas as entrevistadas não demonstraram ser uma prioridade, mas demonstraram que o valor interfere na escolha. H., por exemplo, disse “se o preço for mais ou menos o mesmo eu fico porque é mais tranquilo, mas tipo se for mais caro eu acho que não”.

A alemã O. diz que se organiza financeiramente para suas viagens economizando dinheiro dos trabalhos que consegue na sua cidade e que o governo paga a jovens até os 25 anos um auxílio conhecido como o “dinheiro do menino”. Ela explica que “[...] é como um apoio para os pais que chega até os 25 se você está estudando e são 250 euros ao mês. São como 1000 reais que você recebe ao mês só por ser uma criança.” Depois ela segue dizendo que:

Então ainda estou recebendo isso que são 1000 reais ao mês que já posso pagar o meu apartamento, um lugar para ficar e ao lado dos estudos eu tenho sempre trabalhado e tenho um custo de vida muito baixo lá. Quase não gasto dinheiro, quase não saio, cozinho na casa, nunca fora. São coisas que eu faço quando estou viajando. Porque aqui também o custo de vida é mais baixo. Então é basicamente isso. Eu trabalho e tenho o dinheiro do menino. (ENTREVISTADA O.).

Com o incentivo do governo é possível se organizar para viajar, conhecer e explorar coisas novas. São políticas públicas que abrem horizontes para jovens buscarem oportunidades, conhecimento e amadurecimento pessoal.

Um desses programas é o ID Jovem, um programa de garantia de direitos através do Estatuto da Juventude – Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013 que amplia a oportunidade para jovens entre 15 e 29 anos de baixa renda a ter acesso, entre outras coisas, a ingressos meia entrada em espaços culturais e transporte coletivo interestadual.

Outras atividades também são ofertadas, como cidades que possuem áreas de camping e albergues com baixo custo e algumas universidades também abrem espaço de acolhida quando há conferências e encontros interestaduais para discussão sobre temas e pautas de interesse.

Porém essas ações ainda são poucas em relação às demandas que poderiam ser exploradas. Por exemplo, a busca por passagens usando ID jovem ainda tem acesso restrito ao número de assentos por trechos, algumas empresas negam-se a ofertar a poltrona alegando que as vagas do programa, para aquela viagem já foram preenchidas.

As hospedagens de baixo custo, em geral, são em lugares distantes o que impacta na necessidade da jovem em ter alternativas de deslocamento até os centros urbanos, interferindo também na segurança.

Assim como O., a viajante L. também se diz uma pessoa econômica, além disso afirma ser:

uma pessoa bem precavida e costumo gastar pouco, mas aqui com as meninas eu tenho gasto muito. Nossa, é feira, não sei o que, mas eu estou dizendo para gastar pouco (risos) porque eu estou gastando muito. Mas eu tenho investimentos, antes de viajar eu me planejei, já faço isso a um tempo. Eu invisto uma parte do meu dinheiro e vivo com isso. E como eu vim para trabalhar também acaba que eu ganho com os trabalhos que eu faço e aí eu consigo me manter bem e ainda guardar alguma coisa. (ENTREVISTADA L.).

Há diversos conteúdos na internet ensinando como viajar de forma econômica, algumas das entrevistadas mencionaram que se inspiraram nesses materiais para planejar sua viagem. É importante que haja sempre novas inspirações que abram portas para mulheres ganharem mais espaço e liberdade de conquistarem o que desejam.

Todas, em comum, têm a mesma facilidade: a de não ter nenhum dependente, o que faz com que elas possam usar seu dinheiro para uso próprio. J., inclusive, conta que o que a fez tomar a iniciativa de começar a viajar foi romper um relacionamento amoroso e assim perceber que não tinha mais nada que a prendesse no lugar em que estava.

Alçar voos, para mulheres, é necessário ir além do desejo e de um plano de viagem, é preciso abrir mão de possibilidades de ter dependentes que possam impedir a instrumentalização do sonho, porque a liberdade para as mulheres precisa ser ampla e irrestrita, para que o controle de suas ações, incluindo a financeira, seja impactada minimamente por intempéries que possam macular a realização de sua viagem. Ao passo que o gênero masculino quando deixa para trás seus entes queridos, especialmente filhos menores, para realizar sonhos não tem para si apontado os dedos de uma possível “irresponsabilidade”.

3.3 AS INTERAÇÕES SOCIAIS DURANTE A VIAGEM: CONHECER PESSOAS E PARTILHAR HISTÓRIAS

As experiências de vida só têm significado através das relações. São as interações que comunicam o afeto, o compartilhar de ideias, desejos e vontades que interagem com os aspectos cognitivos criando um cenário de aprendizagem, de formação cidadã e de compromisso consigo mesmo e com as atividades coletivas.

Diante dos grupos com que se interage apresentam-se papéis que desempenham comportamentos e linguagens que são concebidos como aceitos pelo grupo em que se está inserido. O sujeito representa socialmente aquilo com o que faz que ele seja aceito, e para que esse processo aconteça são necessárias vivências e aprendizagens.

A noção de indivíduo não pode estar ligada à de uma personalidade com características estáveis ou uniformes, que desempenha um “papel fixo”. Os papéis são variados e, portanto, o singular, construído ao longo do desenvolvimento, está entrelaçado com o heterogêneo, no que diz respeito tanto à personalidade quanto às funções psicológicas individuais. Adicionalmente, o indivíduo deve ser visto como algo em construção e não como estrutura natural. Por um lado, trata-se de algo em processo (individação), que não pode ser concebido ou investigado como uma cena estacionária; por outro lado, é um processo que depende das relações sociais, que é marcado pelo papel fundamental do socius. (GOES, 2020).

As experiências são pessoais e intransferíveis, estão relacionadas com o tempo presente que é complementada com aprendizagens passadas, construindo a maturidade individual. As interações criam teias de comunicação que ultrapassam as amarras dos conflitos internos pessoais e assumem posturas que libertam a mulher de limitações e repressões, derrubando muros e construindo perspectivas de exploração de novos espaços e convidando outras mulheres a assumirem posturas combinatórias entre viagens e desejos, roteiros e transformações.

(...) constituir uma identidade pessoal é também uma corporificação performática que é processual, já que os sujeitos estão sempre no palco e dentro da performance. É um processo que sugere uma performance através do corpo. Da mesma forma, é possível desempenhar o papel social de várias maneiras, a exemplo de uma peça de teatro, que requer um texto e interpretação, onde os indivíduos podem expandir seu universo cultural através do universo corporal, por meio de performances subversivas de vários tipos (Butler, 1990). Isso significa que nós escolhemos como e o que queremos performar. No trabalho que Butler (2015) levou 20 anos para concluir, a autora observa que somos afetados por algo que está fora de nós, pois o que vem de fora ativa e informa quem eu sou (Butler 2015b). Nas práticas de lazer, a performance representa além de um estilo de vida, pode ser também uma fonte de estabilidade e bem-estar para os sujeitos. (CARVALHO, 2018).

Durante as entrevistas um dos assuntos mais abordados pelas viajantes como objetivo ou consequência da viagem é o de conhecer pessoas novas. Conexões com pessoas novas trazem novos conhecimentos, novos ares, dependendo de quem seja se aprende e desenvolve um idioma diferente, uma cultura distinta, comidas novas, dicas de outras viagens e possíveis novas amizades.

Em reportagem do Domingo Espetacular (2018) a viajante e blogueira de viagem Cris Marques reflete sobre o porquê de ninguém perguntar a um homem

o porquê de ele estar viajando sozinho, ao contrário das mulheres, onde é a pergunta primordial da conversa. Além disso, ela afirma que os homens recebem um tratamento positivo quando contam sobre suas viagens, enquanto as perguntas direcionadas às mulheres são de desconfiança de suas capacidades. Para concluir ela diz que as viagens são uma necessidade de conhecer pessoas e culturas.

Em reportagem da CNN sobre turismo especializado em mulheres as jornalistas entram nessa discussão afirmando que “Muitas delas, é claro, fazem novas amizades nessas ocasiões, outras ressaltam que o fato de estarem sozinhas em diferentes lugares do mundo desperta sentimentos incríveis – que, diga-se de passagem, passam longe de sofrimento” (CARAVAGGI e BINI, 2022).

Quando se está viajando sozinha é legal também ter contato com outras pessoas para poder fazer um roteiro diferente, escutar novas propostas de pontos turísticos e até mesmo ter uma companhia para visitá-los.

A. diz não se sentir solitária, pois sempre fica em hostels e esse é o lugar onde provavelmente as pessoas menos ficam sozinhas. Para ela, essa é uma das maiores vantagens de viajar sozinha.

N. reforça o que A. disse *“na verdade quando você fica no hostel sempre pode saicom alguém se você não quer sair sozinha”*. E crê que *“quando se está sozinha é melhor para encontrar pessoas e pessoas do próprio país. E para poder praticar o português é muito, muito legal.”*. Assim, pode se desenvolver melhor o idioma local.

Denise Tonin, do blog *viajante solo*, também dá a sugestão de se hospedar em hostels para as viajantes desacompanhadas com medo de ficarem sozinhas, mas relembra que há também a responsabilidade pessoal da viajadora quanto a isso:

Um facilitador para fazer amigos é se hospedar em hostels que possuem ambiente mais comunitários fazendo com que as pessoas interajam umas com as outras. Alguns estabelecimentos organizam eventos e tours e as pessoas estão mais próximas e abertas, muito em função das áreas de convivência. Você acaba tomando um drink no bar e começa um papo; ou está na cozinha fazendo um sanduíche e acaba jantando com mais alguém que está por ali. Também pode conhecer alguém legal que está hospedado no mesmo quarto que você e podem acabar fazer algum passeio juntas. O ambiente de um *hostel* é bem mais descontraído do que o de um hotel e isso facilita a interação das

pessoas. Mas atenção: se hospedar em hostel não é uma garantia de novas amizades e companhia. Vai depender muito de você também! (TONIN, 2022).

Tonin, no entanto, relembra que “[...] você precisa saber é que você não é obrigada a fazer amizades, quando viaja sozinha. Isso não é um ponto obrigatório, mas é saudável. É uma escolha e não uma imposição.”.

C. também diz ser um de seus objetivos de viagens é conhecer outras pessoas. A fluminense L. diz que o que a motivou a viajar sozinha foi exatamente essa possibilidade: “*Não, acho que foi mesmo a monotonia da vida e a gente para e pensa “Ah, um mundo tão grande, vou conhecer”*. Aí a gente começa a ter mais contato com outras coisas, outras pessoas [...]”.

Talvez seja esse o ganho substancial da viagem: conferir ao praticante uma ideia de descoberta do self, do eu interior, tendo como base a vivência em sociedades muito diferentes da sua de origem. Por isso, o self é construído, modificado e reproduzido na interação com outras pessoas. Mais do que um eu fixo, cada indivíduo tem múltiplos selfs, que são permeáveis e dependentes do contexto (COHEN, 2010; VAUGHAN & HOGG, 2002 in <CARVALHO, BAPTISTA E COSTA>).

Antonioli (2015) afirma sobre esse tema que “as práticas de viagem e turismo revelam-se potencialmente capazes de reiterar ou modificar essas diferenças e desigualdades através de seus contatos transculturais”.

De fato, se considerarmos que o turismo ultrapassa fronteiras, aproxima povos e possibilita o contacto entre as diferentes culturas, podemos concluir que ele, de certo modo, contribui para as mudanças sociais e culturais de uma região, ou de uma localidade. Neste âmbito, podemos encarar o acto turístico como uma forma de aprendizagem e de troca de experiências e conhecimentos. Ele é um excelente veículo de transmissão e divulgação cultural. (MARUJO, 2005).

Uma mulher que escolhe a *viagem solo* embarca em um compromisso consigo mesma de auto reflexão e de construção de interações sociais que cria vínculos, não necessariamente temporários, mas que será a base da bagagem que será levada para partilhar histórias e transformações individuais e coletivas.

As relações ao longo do processo de construção de roteiro e da viagem propriamente dita são uma composição entre os cercamentos que o gênero feminino nos impõe na sociedade patriarcal, machista e sexista e o sonho da autonomia e da sobreposição da invisibilidade feminina e o desejo de embarcar

rumo liberdade e a construção de conhecimentos únicos, possibilitados através da interação social, do drible aos medos e anseios.

A experiência de viagem é uma bagagem de memórias únicas, diversas cultural e socialmente que se transformam em acolhidas a si mesmas e entendimento da existência coletiva como instrumentos de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade patriarcal, ser mulher ainda é vivenciar a falta de autonomia nas mais diferentes ações. O sexismo rechaça a possibilidade de vivenciar a vida em sua plenitude, sendo podada e amedrontada pelo simples fato de ter nascido mulher. Viajar sozinha é um desses desafios a serem enfrentados.

As viagens, para fins diversos, sem dúvidas, passam cada vez mais a fazer parte do cotidiano das pessoas. As mulheres, por sua vez, estão ampliando horizontes e buscando aproveitar gradativamente suas independências. O objetivo deste trabalho foi analisar como as mulheres se sentiam em suas viagens solo em relação a segurança e acolhimento das pessoas com quem se relacionavam nos seus trajetos, apontando as inseguranças, medos e dificuldades que podem passar por serem mulheres desacompanhadas.

Com as respostas, pude realizar uma análise de conteúdo, baseada em Laurence Bardin (1977), através da qual criei categorias de análise fundamentada nas respostas das viajadoras. Dessa forma, foi possível estruturar o texto segmentando os assuntos discutidos por mulheres que tiveram experiências de viagens independentes e responder ao questionamento inicial ao longo dos três capítulos.

Para uma contextualização histórica foi usado majoritariamente o livro *Mulheres Viajantes*, de Sonia Serrano (2019). Assim, discutimos o panorama histórico das viagens femininas, com mulheres ícones, mostrando como a estrutura patriarcal dificulta que as mulheres tenham seus direitos plenamente garantidos perante a sociedade e lembrando dos limites geográficos impostos às mulheres pela história que inicialmente as viagens femininas só podiam ser viáveis se estivessem acompanhando seus maridos em negócios. Aos poucos as mulheres vêm sobressaltando o medo e arrumando suas malas de forma autônoma, mas em consequência, as mulheres solo e as mulheres viajantes são vistas como loucas e solitárias pelos olhares machistas. Dessa maneira é

possível demonstrar como as recentes conquistas sociais femininas ainda assim não asseguram que as mulheres tenham seu direito pleno de seguir para onde queira. Ainda existe uma divisão social da mobilidade que nos amarra e nos impede de circular livremente e dificulta a construção da nossa própria identidade.

Porém, as viajantes mostram que se sentem realizadas e satisfeitas em estarem desacompanhadas. Além disso, a forma como as mulheres ocupam o espaço público vem quebrando paradigmas e facilitando, pouco a pouco, que essas viagens ocorram sem tanta estranheza e com menos desconforto e insegurança para as viajantes, mesmo que ainda existam relações de poder de gênero que impactam diretamente no direito ao deslocamento.

Em seguida, apresentei um pouco mais de embasamento teórico do turismo, como a história desse setor foi se construindo, como ele está relacionado ao político e ao social e de que maneiras podemos fazer para que seja um setor cada vez mais inclusivo.

As percepções das entrevistadas sobre o que é ser turista também foram apresentadas, onde as estrangeiras relataram que sentem enormes diferenças nas inseguranças sentidas na América Latina e na Europa. Ademais, todas as sete mulheres entrevistadas apontaram como se sentem no papel de turistas e como isso impacta em suas viagens. As viajantes apontaram também a relação existente entre transporte, segurança e gênero e como esse fatores influenciam diretamente na qualidade da viagem realizada. Vale ressaltar que esse já é um assunto colocado em discussão por inúmeros setores e que a pauta está sendo ampliada, permitindo que o número de mulheres viajantes solo possam cada vez mais alçar voos.

Por fim, analisei de que maneira as viagens ajudam na qualidade de vida das mulheres, como elas usam as viagens para crescer, conquistar mais liberdade, autoconfiança e inclusive a parte financeira, justificada pela emancipação pessoal que elas adquirem quando estão sozinhas fora de seu ambiente natal. As mulheres também apontaram que surgem novas reflexões e conhecimentos sobre si próprias e que se permitem ser quem elas querem ser

nessas situações. Além disso, elas apontam a importância das viagens para conhecer novas pessoas, culturas e lugares. Resultando em aprendizagens e conhecimentos sobre si mesmas e sobre as relações e ampliando o leque de possibilidades de vivências em espaços e culturas diferentes.

Toda essa discussão foi feita pensando sempre que há mulheres que ainda são impossibilitadas de se deslocarem plenamente. O desafio permanece grande e complexo. O medo sobre o desconhecido e os apontamentos de terceiros sobre a autonomia feminina ainda geram insegurança nas mulheres viajantes, mas a perseverança por transpor barreiras e construir possibilidades as mantém em busca de comportamentos assertivos que possam contribuir com a perspectiva de bagagens compostas de segurança, interações sociais e autoconhecimento. Enfrentar os desafios é poder trilhar novos caminhos de mulheres que ainda se sentem reticentes a buscar a autonomia de seguir uma viagem solo, criando uma teia de fortalecimento feminino, superação do patriarcado e compondo novas perspectivas de vida para mulheres independentes.

REFERÊNCIAS

- “Solitude - Dicio.” Dicionário Online de Português, <https://www.dicio.com.br/solitude/>. Accessed 1 October 2022.
- “Sozinho | Michaelis On-line.” Michaelis, <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sozinho>. Accessed 1 October 2022.
- ALBUQUERQUE, Flavia. Pesquisa aponta que transporte público é ambiente favorável ao assédio. Agência Brasil, 2019. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/pesquisa-aponta-que-transporte-publico-e-ambiente-favoravel-ao-assedio>>. Acesso em: 28 de out. de 2019. ARRETCHE, Marta
- Amanda Viaja. Mulheres que viajam sozinhas são mais autoconfiantes. 2015. Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/blogs/amanda-viaja/mulheres-que-viajam-sozinhas-sao-mais-autoconfiantes/> acesso em: 20/11/2022
- Aranovich, L. A SINA DAS MULHERES QUE OUSARAM VIAJAR "SOZINHAS". 2016. Disponível em: <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2016/03/a-sina-das-mulheres-que-ousaram-viajar.html> acesso em: 13/05/2022
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. 1977. Lisboa.
- Boletim de Tendências. Turismo. SEBRAE. 2019. Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/observatorio/boletim-de-tendencia/turismo-para-mulheres-conheca-e-aposte-nessa-tendencia> acesso em: 11 de novembro de 2022
- Caravaggi e Bini. CNN. Turismo especializado no público feminino ganha espaço; conheça histórias. 2022. Disponível em: <https://viagemgastronomia.cnnbrasil.com.br/noticias/dia-das-mulheres-o-turismo-especializado-no-publico-feminino-ganha-espaco/> acesso em: 20/11/2022
- Carvalho, G., Baptista, M. M., & Costa, C. (2015). Mulheres que viajam sozinhas: Reflexões sobre gênero e experiências turísticas. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, (23), 59-67.
- Carvalho, G., Baptista, M. M., & Costa, C. (2018). Vou sozinha: a viagem independente como espaço de resistência no feminino. In *Atas do XII Encontro Internacional OTIUM–Associação Ibero-americana de Estudos de Ócio e VI Congresso Internacional em Estudos Culturais* (pp. 501-510).

CARVALHO, Gisele; BAPTISTA, Maria Manuel; COSTA, Carlos. Vou sozinha: a viagem independente como espaço de resistência no feminino. In: **Atas do XII Encontro Internacional OTIUM–Associação Ibero-americana de Estudos de Ócio e VI Congresso Internacional em Estudos Culturais**. 2018. p. 501-510.

COELHO, Danilo Santa Cruz; Cunha, Alexandre dos Santos; Alves, Henrique; Guedes, Erivelton Pires. Metodologia para seleção dos municípios participantes do programa nacional de enfrentamento de homicídios e roubos. Nota Técnica, Publicação Preliminar. Brasília, IPEA (Instituto de de Pesquisa Economica Aplicada), 2021.

in<https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/pubpreliminar/210623_nt_preliminar_metodologia_para_a_selecao_dos_municipios_participante.pdf>
Acesso em maio 2022

DE BARROS TOMÉ MACHADO, MARCELLO MEDO SOCIAL E TURISMO NO RIO DE JANEIRO *Tourism & Management Studies*, núm. 8, 2012, pp. 48-54. Universidade do Algarve, Faro, Portugal.

de Melo, G. P. F. S., & de Moura Soeiro, Í. C. (2020). A mulher e o deslocamento turístico no mundo contemporâneo: uma contribuição teórico-metodológica aos estudos do turismo. *Caderno Virtual de Turismo*, 20(2).

dos Santos, J., & de Sá, N. S. C. (2021). A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in) visibilidade no turismo: The black woman traveler: experiences and strategies to combat their (in) visibility in tourism. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 9(2), 252-269.

Franco, S. M. S. (2017). Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. *cadernos pagu*.

G1. Pesquisa revela que 17% das mulheres latinas têm medo de viajar sozinhas. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2019/08/21/pesquisa-revela-que-17percent-das-mulheres-latinas-tem-medo-de-viajar-sozinhas.ghtml> acesso em 12/11/2022

Góes, Maria Cecília Rafael de. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. *Educação & Sociedade* [online]. 2000, v. 21, n. 71 [Acessado 1 Dezembro 2022], pp. 116-131. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200005>>. Epub 24 Nov 2000. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200005>.

HIRATA, Helena. Dicionário Crítico do feminismo. 2009. UNESP. São Paulo.

<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=solidao> Acesso em outubro de 2022 (“Solidão | Michaelis On-line”)

Lamas, Marta. Usos, dificultades y posibilidades de la categoría género. *Papeles de Población*, vol. 5, núm. 21, julio-septiembre, 1999, pp. 147-178

Universidad Autónoma del Estado de México Toluca, México.

LEAL, Luciane. Viajar Sozinha Guia Completo. Entenda como viajar sozinha pode ser seguro e divertido. E aprenda a planejar uma viagem solo. Disponível em: <https://mulheresqueviajamsozinhas.com.br/viajar-sozinha-guia-completo/> acesso em: 21/11/2022

Luciani Dallmann Peter y Eduardo Mauch Palmeira (2013): “Estudo sobre a inclusão da educação financeira como disciplina escolar a partir das séries iniciais”, Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo (marzo 2013). En línea:< <https://www.eumed.net/rev/atlante/2013/03/disciplina-escolar.html>>

Manzini, E. J. (2004). Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2, 58-59.

Mario, L. et al. Turismo e Tendências Contemporâneas: Mulher como viajante solo. Cenário – Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, Brasília, V9(3), Set/dez. 2021

Marques PF, Lima CFM, Oliveira ABP, Rocha ES, Livramento TS, Gravina RR. Sexualidade feminina e movimentação corporal: um relato de experiência. Rev baiana enferm. 2022;

Marques, Natalia. O medo de viajar sozinha revela mais do que podemos imaginar. 2019. Catraca Livre. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/viagem-livre/o-medo-de-viajar-sozinha/> acesso em: 21 de novembro de 2022

Marujo, N. 2005. A sociologia e o turismo.

Memórias Globo. Glória Maria. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/gloria-maria/noticia/gloria-maria.ghtml> acesso em: 04 novembro de 2022.

MONLEVADE, A. (2010). Por uma Sociologia do Turismo: Estudo Introdutório. *SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, IV*.

Moraes, C., & do Nascimento Silva, B. R. (2021). Mulheres viajantes: pensando a formação de redes online de mulheres para viagens. *RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo*, 11, 58-74.

MULHERES E CUIDADO: RESPONSABILIZAÇÃO, SOBRECARGA E ADOECIMENTO. ROSIRAN CARVALHO DE FREITAS MONTENEGRO. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. UFES. Vitória ES, 2018

Mulheres que viajam sozinhas revelam desafios que enfrentam. Domingo Espetacular. 9min. Abril de 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=N0TFukNLOTQ> acesso em: 22/11/2022

Nascimento, F. L. S. (2021). Viagem feminina como expressão e a construção de imaginários turísticos: da antiguidade à era da conexão. *SOCIOPOÉTICA*, 23(1), 128-142.

Paiva, A. D. L. (2019). A mulher e as viagens solo.

Pegar a referência:

http://repositorio.unitau.br/jspui/bitstream/20.500.11874/4136/1/TG%20-%20AGNES%20BEATRICES%20S%20RODRIGUES_pdfA1.pdf

Pereira, L.; Bidarte, M. (2020). Mulheres e Viagens: Uma perspectiva sobre perfil e motivação. Fórum Internacional de Turismo do Iguassú.

Portal Geledes. Mulheres negras desbravam o mundo: "Corpo negro viajante causa incômodo". 2020. disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-desbravam-o-mundo-corpo-negro-viajante-causa-incomodo/> acesso: 21/11/2022

Rocha, M., & Zouain, D. M. (2015). Percepção socioambiental: a visão de turistas e gestores de hotéis sobre os impactos da poluição das praias no turismo do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 9(2), 360-377.

Romano, L. A. C. (2013). Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea. *Estação Literária*, 10(2Supl), 33-48.

Roteiro Lapa e Santa Teresa. Disponível em:

<http://riotur.rio/editorial/tourlapaesanta/> acesso em: 20/11/2022

Serrano, S. 2019. Mulheres Viajantes. Lisboa.

Sobre nós: Acreditamos que viajar é um direito universal. Disponível em:

<https://www.worldpackers.com/pt-BR/about-us> acesso em 16/05/2022

Souza, V. G1. Vai viajar sozinha? Mulheres dão dicas de segurança. Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2022/03/12/vai-viajar-sozinha-mulheres-dao-dicas-de-seguranca.ghtml> acesso em 06/12/2022

Tonin, D. Medo de viajar sozinha: aprenda como lidar. 2022. Disponível em:

<https://viajantesolo.com.br/viajar-sozinha/medo-de-viajar-sozinha> Acesso em: 18/05/2022

Vieira, R. PanRotas. 2022. Disponível em:

https://www.panrotas.com.br/mercado/destinos/2022/11/rio-de-janeiro-e-a-5-ordf-cidade-de-maior-crescimento-em-turismo-no-mundo_193395.html acesso em: 06/12/2022

Voopter. Viaje mulher! disponível em: <https://voopter.com.br/viajemulher> acesso em: 12/11/2022

ANEXOS

ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

PERCEPÇÕES GERAIS

1. Qual foi/é seu roteiro de viagem?
2. Por qual período vai estar viajando ou viajou?
3. Quantas viagens sola realizou?
4. O que a motivou a viajar sozinha? Foi uma escolha pessoal?
5. Quais seus objetivos em fazer essa viagem sozinha?
6. Como foi o seu planejamento da viagem como mulher desacompanhada? Haveria diferenças se estivesse com um homem? Quais?
7. Você chegou a postergar a viagem pelo medo de estar sozinha?
8. Durante seu planejamento houve momento em que pensou em desistir? Por qual motivo?

DURANTE A VIAGEM

1. Durante o percurso houve algo em que você tenha questionado a sua escolha de viajar sozinha?
2. Há algo que te assuste em estar sozinha? O medo é do que exatamente? Qual é seu medo?
3. Alguém te fez acreditar que viajar sozinha era algo insensato? Se sim, poderia relatar mais sobre?
4. Ao mencionar as pessoas que você viaja sozinha que tipos de discursos você ouve?

HOSPEDAGEM

1. Mesmo em hospedagens de quarto compartilhado com opção de habitação apenas feminina é viável estar nesses espaços?
2. Quais diferenças fazem estar em um quarto compartilhado sem distinção de gênero ou apenas com mulheres?

LOCOMOÇÃO

1. Consegue se locomover de maneira independente ou sente receio em fazer isso?
2. Durante seus passeios há ocorrências, por parte de homens, que te deixam constrangida? Faça seu relato.

SEGURANÇA PÚBLICA

1. Ao planejar sua viagem e estadia a segurança foi uma preocupação para você?
2. Quais estratégias você usa para se sentir mais segura na sua estadia?
3. Acredita que os riscos que se corre aqui são diferentes dos riscos que correria na sua cidade?

SOBRE SUA PRÓPRIA IDENTIDADE

1. Quais são as maiores vantagens e desvantagens de estar viajando sozinha?
2. Poderia relatar alguma das maiores dificuldades que já passou sendo uma mulher que está viajando sozinha?
3. Quais mudanças te ocorreram quando percebeu que era uma mulher viajante?
4. Qual foi o maior obstáculo que você venceu sobre si mesma ao longo da experiência?

CABEÇALHO

1. Local de origem:
2. Idade:

3. Renda familiar:
4. Tem filhos ou dependentes? Idade?
5. Como você se organiza financeiramente para fazer sua viagem?